

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Matheus Rezende Caldas

**Da escuridão da madrugada surge o brilho de um Vagalume:
o início da trajetória de Francisco Guimarães na imprensa carioca
(1901)**

Monografia apresentada à Graduação em História da PUC-Rio como
requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura e Bacharel em
História.

Orientador: Leonardo Affonso de Miranda Pereira
Rio de Janeiro, julho de 2020.

Dedicatória

Para meu pai, Roberto do Amaral Caldas que infelizmente não pôde acompanhar até o fim este trabalho, mas que sempre me apoiou.

Para minha filha, Liz Roberta, meu grande amor.

Agradecimentos

Quero agradecer primeiramente aos meus pais - minha mãe, Dionízia Maria Rezende de Barros e ao meu pai, Roberto do Amaral Caldas por todo apoio que sempre me deram nos estudos, principalmente durante a minha graduação.

Quero agradecer também a minha companheira, Jaqueline Apolinário de Lima por me acompanhar durante todo o meu percurso de graduando e também por ter me dado todo o apoio durante esse período, o que foi fundamental para que eu chegasse até aqui. Além de neste ano de 2020, ter me presenteado com a nossa Flor de Liz - minha filha Liz Roberta.

Quero agradecer demais também ao meu orientador Leonardo Pereira por ter compartilhado comigo o “brilho do Vagalume” quando eu ainda estava no início da minha graduação, o que me possibilitou conhecer o que é hoje meu objeto de pesquisa. Também quero agradecê-lo por ter me orientado não só nesta monografia, mas também durante os anos que fui bolsista PIBIC/CNPq. Tendo isso em vista, quero agradecer ao PIBIC/CNPq também pelos anos de bolsa, que contribuíram bastante para a minha formação como historiador e pesquisador.

Quero agradecer a minha irmã, Lícia Rezende Caldas, por também sempre ter me apoiado nos estudos e ao meu afilhado Gabriel e meus sobrinhos: Isabella e João Miguel, que são as alegrias do meu dia a dia. Além dos meus amigos: Ana Cris Apolinário, Bruno Barcelos, Bruno Bittencourt, Daniel Ribeiro e Thayná Torquato, por também incentivarem meus projetos.

Por fim, mas não menos importante, queria agradecer ao departamento de História da PUC-Rio por me oferecer todo o conhecimento que tive acesso nesses quatro anos e meio de graduação. Também quero agradecer aos meus colegas de graduação, em especial, a Ana Clara Tavares, Flávia Martins e Gabriel Henrique Guedes que iniciaram comigo a graduação e, sobretudo no período em que esta monografia foi produzida, me ajudaram com suas opiniões, sugestões e é claro, com muito apoio, o que foi fundamental para que eu conseguisse realizar este trabalho.

Resumo

O presente trabalho se propõe a fazer uma análise sobre a primeira série de crônicas escrita por Francisco Guimarães, que ficaria conhecido no mundo da imprensa como *Vagalume*. Intitulada “Reportagem da Madrugada”, esta série voltava-se de início para assuntos envolvendo crimes e a atuação policial na madrugada. Ao longo dela, no entanto, o cronista começaria também a abordar outras questões, como as manifestações culturais próprias aos muitos afrodescendentes da cidade e o cotidiano dos trabalhadores noturnos. Ao dar visibilidade para essas questões, Francisco Guimarães acabou por transformar a coluna em espaço de expressão das demandas e experiências de grupos sociais que não costumavam aparecer nas páginas das grandes folhas da cidade, em perspectiva que marcaria sua singularidade como cronista e afirmaria seu lugar na imprensa da cidade.

Palavras-chave:

Vagalume - Imprensa - Polícia - Culturas Negras - Trabalhadores

Sumário

Lista de ilustrações	6
Introdução	7
Capítulo 1 - Um cronista policial singular	12
1.1 - O cotidiano policial na “Reportagem da Madrugada”	15
1.2 - Uma perspectiva particular: a visão crítica da polícia	17
Capítulo 2 - O brilho das culturas negras	23
2.1 - O Carnaval Negro	25
2.2 - A musicalidade de matriz africana	29
2.3 - O mundo dos feitiços	35
Capítulo 3 - Nem só de boemia vive a madrugada: os trabalhadores noturnos	40
3.1 - Os trabalhadores da “Reportagem da Madrugada”.	44
3.2 - O porta voz do povo	49
Conclusão	57
Fontes	59
Referências bibliográficas	60

Lista de ilustrações

Imagem 1 - <i>Jornal do Brasil</i> , 21 de novembro de 1899	9
Imagem 2 - Bambino. “Reportagem da Madrugada”. <i>Jornal do Brasil</i> , Rio de Janeiro, 18 de abril de 1901.	10
Imagem 3 - <i>A Imprensa</i> . 17 de fevereiro de 1911 - Yayá Formosa.	27
Imagem 4 - <i>A Imprensa</i> . 18 de Fevereiro de 1911 - União das Flores	28
Imagem 5 - Eduardo das Neves. <i>O Malho</i> , 6 de janeiro de 1917, p. 44	31
Imagem 6 - “Distrito de Sacramento 1902” (Imaginerio.org).	42
Imagem 7 - Bambino. “A cidade à noite”. <i>Jornal do Brasil</i> , 17 de abril de 1901.	43
Imagem 8 - “Defesa dos pequenos capitais”. <i>O Malho</i> , Rio de Janeiro, 11 de abril de 1908.	55

Introdução

Francisco José Gomes Guimarães - mais conhecido pelo pseudônimo de Vagalume - foi um dos grandes nomes da imprensa carioca durante o início da República brasileira. Durante a sua carreira na imprensa, ele se destacou por seus escritos sobre o carnaval e a musicalidade negra. Foi como fruto desta produção que escreveu em 1933 seu mais famoso trabalho, o livro *Na Roda do Samba*¹. No entanto, a porta de entrada para o trabalho de cronista que ele desempenharia em importantes jornais do Rio de Janeiro durante a sua carreira, seriam as crônicas publicadas em 1901 na série “Reportagem da Madrugada”, do *Jornal do Brasil*. Por isso, ela e seu autor constituem os objetos sobre os quais este trabalho monográfico tratou de se debruçar.

Essa série não teve uma duração muito longa estendendo-se entre o dia 9 de abril e 27 de julho de 1901 – em um total de 92 crônicas. Como muitas outras do período, não trazia a assinatura de seu autor. Ainda assim, não é difícil perceber nela o processo de afirmação de Vagalume como narrador. Já na segunda crônica da série, publicada em 10 de abril de 1901, o cronista escreve que “os retardatários, os notívagos, são apelidados de vagalumes”, logo depois conclui para seus leitores: “sejamos vagalumes também². Ao marcar esta perspectiva já no início da série, começava desde então a firmar o pseudônimo com o qual ficaria conhecido na imprensa pelo resto de sua vida profissional.

Nascido em 1877, negro e filho de pais “pobres, porém laboriosos”³, Francisco Guimarães é um dos jovens afrodescendentes que, nos últimos tempos do Império, pode ter sido beneficiado pela Lei de 28 de Setembro de 1871, conhecida como Lei do Ventre Livre. Mais que libertar o ventre escravo e permitir que os escravizados constituíssem pecúlio, ela também apontou para a necessidade de criação de associações, que autorizadas pelo governo, deveriam acolher todos os filhos de escravas que teriam nascido após a data da lei e que teriam sido cedidos ou abandonados pelos seus senhores⁴. Essas associações, além de acolher menores abandonados, também os alfabetizavam, contribuindo para que esses sujeitos tivessem

¹ PEREIRA, Leonardo A. M. “A invenção do Vagalume”. In: VAGALUME. *Ecos Noturnos*. PEREIRA, Leonardo Affonso de M.; COSTA, Mariana (org.) Rio de Janeiro: Contracapa - FAPERJ, 2018. p. 17

² “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 de abril de 1901.

³ PEREIRA, Leonardo. op. cit. 18

⁴ BRASIL. “Lei do Ventre Livre”. 28 de setembro de 1871, Art. 2. Disponível em : <http://www.historia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/fontes%20historicas/leidoventre.pdf> . Acessado em: 30 de junho de 2020.

acesso ao letramento, além do ensino de alguns ofícios para instruí-los para o trabalho⁵.

Dentro desse mote, Francisco Guimarães conseguiu ter acesso ao letramento e aprendeu alguns ofícios mecânicos em um desses Institutos Profissionais, o Asilo dos Meninos Desvalidos⁶. Tratava-se de uma das instituições de acolhimento e instrução de menores criadas em decorrência da Lei do Ventre Livre, em relação à qual Francisco Guimarães se mostrou grato por toda a vida. Já como repórter do *Jornal do Brasil*, na crônica da “Reportagem da Madrugada” publicada em 16 de abril de 1901, expunha seu reconhecimento à instituição ao falar de uma comemoração em Vila Isabel em homenagem ao maestro Francisco Braga, que também havia sido aluno do Asilo. Ao afirmar que ele “soube além-mar arrostar com milhares de sacrifícios encarar todas as necessidades para honrar o nome da Pátria” dizia que com isso o homenageado não desmentia as “tradições daquele grande estabelecimento de educação, então Asilo de Meninos Desvalidos, onde recebeu os primeiros ensinamentos”. Transcrevia ainda uma resposta do músico a um senhor de nome Américo Gonçalves que, teria ouvido dele o pedido para não chamá-lo de maestro, “chame-me Braga, porque hoje eu sou o mesmo asilado de ontem”. A crônica atesta, assim, o reconhecimento de Francisco Guimarães em relação ao Asilo dos Meninos Desvalidos, e sua ligação com ex-asilados como o maestro Braga.

Devido à educação que recebeu na juventude e com a ajuda de algumas pessoas que compunham sua rede de proteção, como seu “padrinho”, Francisco Antônio da Costa, Francisco Guimarães acabou conseguindo seu primeiro emprego em 1891, com apenas 14 anos, como auxiliar de trem na Estrada de Ferro D. Pedro II, conhecida hoje como Central do Brasil. Ao ter seu talento com as letras reconhecido por um dos jornalistas que cobriam o dia a dia da estrada, conseguiu em 1896 um emprego na redação do *Jornal do Brasil*, assumindo inicialmente funções de menos destaque dentro do periódico. Em 1899, já aparecia assim como parte da “redação” do jornal:

⁵ Ver LOPES, Katia Geni Cordeiro. *A presença de negros em espaços de instrução elementar da cidade-corte: O caso da Escola da Imperial Quinta da Boa Vista*. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012. (Cap. 2)

⁶ PEREIRA, Leonardo A. M. “No ritmo do Vagalume: culturas negras, associativismo dançante e nacionalidade na produção de Francisco Guimarães (1904 - 1933)”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 35, nº 69, p. 13-33, 2015. p. 18



Jornal do Brasil, 21 de novembro de 1899

Além de deixar evidentes seus traços negros, a reprodução da imagem trazia em sua legenda, a informação de que ele estaria ligado à “seção de informações policiais”. Foi a partir dessa experiência que foi, em 1901, convidado para escrever a “Reportagem da Madrugada”⁷. A partir de então, Francisco Guimarães, ainda que de forma inicialmente anônima, passaria a desempenhar a função de cronista na madrugada. Esse caráter anônimo da série em seu início, se confirmava em uma charge de Bambino que apareceu junto a “Reportagem da Madrugada” do dia 18 de abril de 1901.

⁷ PEREIRA, L. A. M. op. cit. p. 18 - 21.



Bambino. “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 de abril de 1901.

A charge representa o autor da “Reportagem da Madrugada” tomando nota para sua série. No entanto, através dela fica evidente o seu perfil anônimo. Ao contrário da imagem de 1899, o autor da série não chega a ser identificado, tendo seu rosto coberto pelo chapéu, o que impossibilitava aos leitores a identificação visual de quem seria o autor da série. Era assim como simples redator, que não chegava a poder afirmar sua autoria, que Francisco Guimarães assumia a nova coluna.

O próprio fato de que um homem de sua origem tenha conseguido alcançar tal espaço apontava para o caráter pouco valorizado da crônica em relação a outros gêneros literários. Disseminado pela imprensa carioca entre os anos finais do século XIX e início do XX, ela se mostrava próxima do cotidiano, estando distante da pretensão de rebuscamento própria de outros gêneros – como mostram Sidney Chaloub, Margarida de Souza Neves e Leonardo Pereira ao caracterizá-la:

“Surgidas ao acaso, da espontaneidade de uma conversa, as crônicas teriam como uma das suas características primeiras a leveza. Ao tratar de temas diversos, alinhavados pela arte das transições, fariam dos pequenos acontecimentos sua

matéria-prima privilegiada. Presos aos assuntos do dia, tais textos seriam efêmeros e passageiros, ligando-se de forma direta a seu tempo”.⁸

Como mostram os autores, esta suposta leveza era, porém, ilusória. A partir de sua ligação com os pequenos assuntos do cotidiano, os cronistas do período costumavam afirmar uma perspectiva de subjetividade, marcada pelo olhar específico que lançavam sobre a realidade. Nesse sentido, se a desvalorização do gênero permitia que Francisco Guimarães fosse definido como redator da nova coluna, ela passava a partir de então a se converter em espaço de afirmação da subjetividade do seu autor, que ajudaria Francisco Guimarães a singularizar a série. Isso porque mesmo longe de ter uma formação rebuscada ou um estilo elevado, ele tinha aquilo que muitos outros membros da redação do jornal não podiam ter: uma efetiva ligação com o mundo noturno das ruas, que era o objeto privilegiado da nova série. A própria criação de uma coluna como esta se ligava ao esforço das grandes folhas jornalísticas do Rio de Janeiro que, durante a Primeira República, tentavam atrair novos leitores que até então não se identificavam com o que era escrito nesses jornais, trazendo para suas páginas temas e questões mais próximas da experiência do grosso da população carioca⁹. Nesse sentido, as crônicas jornalísticas acabaram funcionando como uma ponte na ligação dos principais jornais da capital federal com o universo dos trabalhadores da cidade. Foi como parte deste esforço que Francisco Guimarães adentrou o mundo da imprensa.

Como consequência, Francisco Guimarães começaria a desenvolver um trabalho que mais tarde o tornaria um dos principais jornalistas da Primeira República. Cabe assim analisar como se deu este processo – acompanhando o modo pelo qual ele representou, na sua “Reportagem da Madrugada”, temas como: a vigilância policial, as culturas negras e o cotidiano dos trabalhadores noturnos.

⁸ CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo A. M. (orgs.). “Apresentação”. In: *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2005.

⁹ PEREIRA, Leonardo. “Negociações impressas: a imprensa comercial e o lazer dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Primeira República”. *História (São Paulo)*, v. 35, n. 99, 2016. p. 3

Capítulo 1 - Um cronista policial singular

No final do século XIX e início do XX, o Rio de Janeiro, então capital federal, passou por um processo de modernização, expresso através de uma reforma urbana que tentou remodelar a feição de sua região central. Buscava-se substituir a arquitetura colonial por construções modernas, alargar ruas estreitas, destruir cortiços e mudar até mesmo alguns costumes da população que eram vistos como um atraso para uma capital que almejava ser moderna. Tudo isso, inspirado no estilo europeu, sobretudo na Paris reformada por George- Eugène Haussman - na afirmação de uma ideia de “belle époque” que, compartilhada no período com outras capitais latino americanas como Buenos Aires e Montevideú, visava fazer do Rio de Janeiro o símbolo de uma modernidade que se queria projetar para a nação como um todo¹⁰. Contudo, tais reformas não ficariam apenas na arquitetura urbana ou no alargamento de ruas, contemplando também um esforço de afastar grupos indesejáveis do centro da capital, como os membros das camadas mais pobres que ocupavam os cortiços, vistos como um sinônimo de atraso para uma capital que pretendia ser moderna

Nesse quadro, a polícia passou a ter um papel muito importante, pois sua função era manter a ordem, se preocupando principalmente com os grupos sociais que eram marginalizados – em geral, no caso do Rio de Janeiro, os trabalhadores egressos da escravidão, vistos pelas elites e pela própria polícia como parte destacada das “classes perigosas” sobre as quais dirigiam seu esforço de controle, por serem supostamente mais propícias a criminalidade.¹¹

Dentro desse processo de modernização do Rio de Janeiro e de crescimento do poder da burguesia como ator social, a repressão e o controle sobre os trabalhadores se transformavam em um mecanismo essencial – pois, como afirma Marcos Bretas, “através da imposição e da violência o ator burguês cria o seu outro, obrigado a incorporar os valores do trabalho e da disciplina essenciais para dominação capitalista”¹². Por funcionar como uma ferramenta no controle sobre os trabalhadores,

¹⁰ NEVES, Margarida de Souza. “Uma Capital de Trompe l’Oeil”. In: MAGALDI, Ana Maria; ALVES, Cláudia; GONDRA, José Gonçalves. *Educação no Brasil: história, cultura e política* (Org.). Bragança Paulista: EDUSF, 2003, p. 264.

¹¹ Ver: CHALHOUB, S. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

¹² BRETAS, Marcos. *A Guerra das Ruas: Povo e Polícia na Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. p. 32

por parte das elites - a polícia passava gradativamente também a ganhar cada vez mais espaço nas páginas dos jornais, que muitas vezes legitimavam ações repressivas sob o pretexto de serem elas em nome da ordem.

É nesse sentido que este capítulo busca entender o sentido policial originalmente associado à nova coluna, de modo a entender não apenas como Francisco Guimarães olhava para a experiência policial na madrugada, como o modo singular pelo qual tratava nela dos notívagos espalhados pela cidade. Nos dois casos, trata-se de processo profundamente articulado aos desenvolvimentos da imprensa no período.

Embora fossem voltados inicialmente para o interesse das elites letradas, a partir do final do século XIX, muitos jornais, de modo a expandir seu público leitor e aumentar suas vendas, passaram a abordar temas que eram do interesse dos grupos sociais com menos acesso ao mundo literário. Como resultado do sucesso dessa estratégia, os jornais se convertiam no período em arenas de disputa, como explica Leonardo Pereira:

“O jornalismo constituía-se assim, já em fins do século XIX, como um poderoso e eficaz meio de comunicação de uma certa parcela da sociedade - composta por jornalistas, literatos e políticos, entre outros - com as demais. Esta comunicação, entretanto, deveria obedecer um código particular. Para conquistar o grande público foi preciso mais do que um texto leve e um preço acessível: era preciso ainda trazer, nas folhas, aqueles temas de interesse do maior número de seus possíveis compradores. Desse modo, estes literatos e jornalistas não hesitaram em tratar em seus artigos de assuntos que estavam, em geral, fora do mundo das letras - aparecendo por isso nos jornais, com destaque, assuntos como a festa da penha, o jogo do bicho e o carnaval”.¹³

Como resultado desse processo, assuntos envolvendo o cotidiano policial tiveram cada vez mais espaço na imprensa carioca. Como ressalta Pereira, uma das seções que ganhou força nos jornais como parte desta tentativa de popularização das folhas foi aquela dedicada aos “grandes crimes, que já nos primeiros anos do século XX passariam muitas vezes a ocupar grandes espaços nos jornais”¹⁴. A atuação policial, se convertia, desse modo, em um tema que era do interesse tanto das elites como também dos trabalhadores da capital federal.

¹³ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Sobre confetes, chuteiras e cadáveres: a massificação cultural no Rio de Janeiro de Lima Barreto”. *Proj. História*, São Paulo, (14), fev. 1997. p. 234

¹⁴ *Ibidem*, p. 235

Com a popularização das colunas policiais, ganhou projeção também a figura dos repórteres policiais. Como era comum nas redações desses jornais, muitos deles vieram de famílias abastadas ou de classe média¹⁵. Como resultado, nessas reportagens as ações policiais eram marcadas, na maior parte dos casos, por uma perspectiva própria às elites da cidade, assim como acontecia em outros espaços do jornal. Configurava-se com isso uma crônica policial eivada de preconceito sobre aqueles que costumavam ser não somente os autores, mas também as vítimas dos casos nela retratados.

Foi nesse contexto que Francisco Guimarães assumiu, em 1901, a nova coluna do *Jornal do Brasil*. Sua própria criação se ligava ao crescente interesse pelo submundo marginal da cidade, que tinha no período noturno seu momento maior de expressão. O fato de que se dedicasse a um horário menos prestigiado em geral pelas grandes folhas, porém, fazia com que aquela não fosse uma posição disputada pelos redatores que compartilhavam dos preconceitos em relação aos homens e mulheres que faziam parte daquele universo. Foi provavelmente como fruto desta ambiguidade que um repórter do perfil social e racial de Francisco Guimarães conseguiu se firmar em um espaço ainda dominado pela elite intelectual que constantemente olhava para pessoas como ele a partir de um olhar preconceituoso.

Por outro lado, justamente por ter uma origem diferente da maior parte dos literatos que escreviam nas grandes folhas, Francisco Guimarães, ao escrever sobre crimes e o policiamento na madrugada carioca, acabou tratando sobre esses assuntos não a partir da ótica das elites e classes médias, mas sim a partir do ponto de vista daqueles que, como ele, também faziam parte do universo do trabalho. Para entender melhor a singularidade das crônicas policiais de Francisco Guimarães em relação as demais publicadas no período, cabe assim olhar mais profundamente para aquela "Reportagem da Madrugada", de modo a tentar entender as lentes pelas quais o jovem cronista se propunha a retratar a atuação da polícia na madrugada em uma capital federal que buscava ser símbolo de modernidade.

¹⁵ OTTONI, Ana Vasconcelos. "*O Paraíso dos ladrões*": crime e criminosos nas reportagens policiais da imprensa. (Rio de Janeiro, 1900 - 1920). Tese (Doutorado em História Social) - PPGHIS/UFF, Rio de Janeiro, 2012. p. 47

1.1 - O cotidiano policial na “Reportagem da Madrugada”

Como era padrão em outras séries, Francisco Guimarães usou a crônica inicial de sua “Reportagem da madrugada”, publicada em 9 de abril de 1901, para apresentar os objetivos e o programa da nova coluna. Logo após saudar o *Jornal do Brasil* pela nova série, que descreve como uma iniciativa “incontestavelmente original”, que demonstraria seu “empenho de bem informar os seus leitores”, deixava clara as suas intenções com relação a ela.

“A Reportagem da Madrugada virá adiantar àquelas que o ignoram o quadro que se descortina nesta cidade, depois que o velho bronze da torre de S. Francisco dá as 12 pancadas da meia-noite.

Dessa meia hora em diante, começa um novo movimento; começa a vida dos notívagos, o que, sem dúvidas, é digno de nota, pois muitos casos importantíssimos se dão desta hora em diante e que bem mereciam as honras de uma exploração de reportagem.

Vimos, portanto, preencher essa lacuna.

Todos estes fatos serão por nós esmerilhados.

Vamos lá, mãos à obra.”¹⁶

Ao dizer que a “Reportagem da Madrugada” estaria vindo para “descortinar” tudo aquilo que era ignorado após a meia noite e também para chamar atenção para os “muitos casos importantíssimos” que se dariam depois daquela hora, Francisco Guimarães mostrava o que sua série buscava alcançar: a visão de um outro Rio de Janeiro escondido pelo breu da noite. Nessa perspectiva, o cotidiano da polícia noturna acabou sendo um dos temas que de início ganhou destaque na série, dentro da sua tentativa de “preencher essa lacuna”, que eram os assuntos da madrugada.

Na mesma crônica do dia 9 de abril o cotidiano policial já aparece, quando o cronista resolve tratar de um crime cometido por um sujeito de nome Russinho, junto com outros capangas que teriam matado um velho no morro de Santo Antônio. Francisco Guimarães revela que Russinho e Camões (que também teria participado do crime) ficaram um período presos, tendo ambos sido soltos no dia 1 de março. Porém, Russinho supostamente ainda teria participado do roubo de “um relógio de Platina dourada pertencente ao compadre do chefe de polícia”. Ao ser preso, Russinho teria se defendido da acusação do roubo do relógio, dizendo que, na verdade o tal crime teria sido cometido pelo “gatuno Juquinha auxiliado pelo Inglesinho”¹⁷. O

¹⁶ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09 de abril de 1901.

¹⁷ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 de abril de 1901.

interessante desse caso, é que diferentemente de outras colunas que olhavam para os grandes crimes (como os roubos em hotéis de luxo, praticados por ladrões conhecidos)¹⁸, Francisco Guimarães já na sua primeira crônica atentava para os crimes que seriam mais comuns, mais próximos da realidade dos trabalhadores da cidade e que afetavam principalmente eles e não membros da elite.

Ao começar a olhar para os delitos contra os trabalhadores, faz com que sua série se tornasse cada vez mais do interesse desses sujeitos. Na reportagem do dia 1 de maio, ao pegar um “bonde da linha Cajú, com destino à cidade”, Francisco Guimarães percebe a indignação de um homem, que teria sido quase assaltado. Ao ficar interessado por aquela situação, pois “quando ouve falar em assaltos e roubos pensa imediatamente no furo”, o cronista resolveu perguntar a aquele indivíduo se tinha sido vítima de algum roubo. Após isso, acaba iniciando a seguinte conversação iniciada por seu interlocutor:

- “— O senhor é autoridade.
- Não, senhor; sou repórter do *Jornal do Brasil*.
- É o senhor vagalume?
- Em pessoa.
- Pois tenho-o apreciado muito! Eu estou furioso é porque quase fui vítima de três audaciosos ladrões”¹⁹

Ao se debruçar sobre os pequenos delitos contra os trabalhadores na madrugada, Francisco Guimarães fazia com que aos poucos sua série e seu pseudônimo ficassem conhecidos entre esses sujeitos, que passavam também a formar seu quadro de leitores, como pode ser percebido no final do trecho, quando o seu interlocutor diz a ele que tem “o apreciado muito”. No final da conversa, o trabalhador quase assaltado ainda revela que antes dele, dois dos três gatunos teriam assaltado um homem, munidos de facas, sendo que o outro se dirigia na direção dele também com uma faca, quando este se pôs a correr, conseguindo se livrar dos ladrões. “Ora, calcule o senhor que isto se deu na rua José dos Reis, a dois passos da delegacia da 1^o circunscrição suburbana” dizia o homem ao cronista. “É para o senhor ver como andamos garantidos!”, retrucava o cronista em tom irônico.

¹⁸ Ver: GALEANO, Diego. “Memorias de un ratón de hotel: delito, prensa y literatura en Brasil, 1890 - 1912”. *Claves, Revista de História*, Vol. 2, nº 3, Montevideo, Julio - Diciembre, 2016, pp. 99 - 132.

¹⁹ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 de maio de 1901.

Além dos pequenos crimes, Francisco Guimarães também trazia na sua série o movimento dentro das delegacias durante a madrugada. Na segunda crônica, no dia 10 de abril, ao visitar a 3ª delegacia urbana na rua Visconde do Rio Branco, o cronista cita o nome dos sujeitos que tinham passado por ela durante a madrugada, dando o nome completo daqueles que teriam sido “recolhidos ao xadrez” e apresentando também os fatores que os levaram a serem presos, em geral, por embriaguez e por promover desordens. Por outro lado, o cronista também escreve na sua crônica algumas queixas que nota durante o período que permanece na delegacia. Tais queixas iam desde furtos até situações mais inusitadas, como a de “Maria Az Pinto” que “queixou-se de que sua filha Cecilla, tendo se retirado da casa de José de Araujo, à rua de São Pedro n. 192, este recusava-se a entregar-lhe a sua roupa”, ou o caso do “escrivão Sampaio, da Câmara Civil e Criminal” que se queixava de “D. Cordoeira & C., representante da empresa Edison, tendo lhe vendido talões para o sorteio de uma máquina de costura, foi um destes premiados a e (sic) referida empresa recusava-se a fazer a entrega do prêmio”. Ao citar cada ocorrência naquela delegacia, mostrando quem tinha sido preso, quem tinha feito queixa e pelo o que tinha feito, fazendo o mesmo em crônicas posteriores²⁰, Francisco Guimarães começava a mostrar cenas do cotidiano policial, por dentro da própria polícia. Desse modo, configurava-se, desde as primeiras crônicas o perfil de uma série voltada para questão policial na madrugada.

1.2 - Uma perspectiva particular: a visão crítica da polícia

Apesar desse claro perfil inicial, o olhar de Francisco Guimarães sobre o trabalho da polícia na madrugada não se restringiria a questões formais, como as prisões feitas e as queixas prestadas nas delegacias. Para além disso, ele atentava também para as ações irregulares praticadas pelos policiais na madrugada, não só durante o patrulhamento noturno, mas também dentro das próprias delegacias, trazendo uma visão crítica da polícia.

Já na primeira crônica da série o cronista fazia uma denúncia sobre a violência policial na madrugada - o que faz ao passar na 1ª circunscrição urbana na rua Sete de Setembro e lá descobrir o caso de Manuel Marques, que no dia anterior teria entrado

²⁰ Na crônica do dia seguinte, Francisco Guimarães visitou a 1ª circunscrição urbana e, em movimento semelhante ao da visita na 3ª delegacia urbana, também aborda o nome de alguns sujeitos que foram presos naquela noite. Ver: “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 de abril de 1901.

“demasiadamente no uso de bebidas alcoólicas”, indo para na prisão daquela mesma delegacia por conta disso. De acordo com o cronista, aquilo não era, no entanto, justificativa para os atos violentos que seriam praticados contra Manuel Marques após ele ser preso. Ele descreve da seguinte forma o que aconteceu com o português dentro da delegacia.

Hoje, cerca de 6 horas da madrugada, o faxineiro abriu a porta do xadrez e, dentre uns quinze presos que lá estavam, ele com o maior sangue frio, arrastou para fora de enxovia o português Manuel Marques, que ainda dormia.

– Venha cá, seu patife, venha receber o castigo, dizia o policial preparando o sabre Comblain.

E, daqui a pouco, começou o espancamento, de modo que Marques apenas tem os seguintes ferimentos: um no pulso esquerdo, uma na canela do mesmo lado, este é profundo e extenso, tem um pontaco na nuca, uma escoriação na face esquerda e as costas em estado indescritível.

Marques apanhou calado, sem pronunciar uma palavra.

Pois bem, hoje, às 8 horas da manhã, o inspetor tenente Pamplona, querendo fazer desaparecer o crime de seu colega inspetor Thomaz Times, moço excessivamente genioso, pôs Manuel Marques em liberdade e isto sem autorização do delegado, que só dá audiência às 11 horas do dia.

Está claro que nenhum inspetor tem autorização para soltar um preso por menor que seja a sua criminalidade.

Entretanto os inspetores da 1^o urbana, fazem-no abusivamente, e cometem outros abusos que por serem ignorados pelo respectivo delegado ficam quase sempre impunes.

É uma vergonha, mas é uma verdade.²¹”.

Esse trecho sobre Manuel Marques deixa evidente o quanto arbitrário poderia ser tratamento dado pelos policiais, uma vez que após ser preso, o português foi submetido a uma série de agressões como forma de “punição” por ter causado distúrbios a polícia. Além disso, Francisco Guimarães ainda denunciava a tentativa dos agentes de ocultar o crime, liberando Manuel Marques sem a aprovação do delegado, já que seu corpo machucado era a prova de que havia sido violentado na prisão. No entanto, o cronista complementar logo em seguida, dizendo que: “o *Jornal do Brasil*, o defensor dos fracos e dos oprimidos”, mandou um representante para “levar Manuel Marques à repartição central da polícia onde foi apresentado ao delegado auxiliar de serviço, a fim de ser submetido à exame de corpo de delito e serem tomadas por termo as suas declarações”. “Estamos certos de que enérgicas providências serão tomadas a fim de que tais fatos não se repitam”, finalizava mostrando sua indignação com aquele caso de violência policial.

²¹ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 de abril de 1901.

Três dias depois, no entanto, devido a sua insistência, Manuel Marques foi submetido ao exame de corpo delito pelos médicos da polícia. Depois foi levado pelo delegado da 1ª circunscrição urbana para se apresentar na repartição geral da polícia, onde foi examinado pelo dr. Rego de Barros, que era o médico legista. “Agora é necessário que o sr. Delegado não deixe impune o autor ou autores desse bárbaro espancamento, que apresenta uma covardia sem nome” - afirmava o cronista, que ainda termina dizendo que “em todo o caso, devemos esperar, confiando no critério e no espírito justiceiro de s.s., que sempre esteja do lado da lei e da razão”²². Ao expor o uso abusivo da força contra Manuel Marques e ainda acompanhar o restante do caso, pressionando as autoridades para que os culpados por aqueles atos fossem julgados, Francisco Guimarães, mostrava que, se dependesse dele, esses atos bárbaros de violência policial não passariam mais despercebidos. Desse modo, tornava suas crônicas uma ferramenta de defesa para os trabalhadores da cidade que sofriam com esses tipos de crimes praticados pela polícia que, em muitos casos, eram ocultados das ocorrências policiais²³.

Para além dos excessos de violência, no decorrer da série Francisco Guimarães também começou a chamar atenção para outras arbitrariedades cometidas pela polícia na madrugada, como chantagens e corrupção. É o que fez na crônica do dia 7 de maio. Ao passar pelo Café dos Prontos, no Largo São Francisco, Francisco Guimarães passa a ouvir o diálogo de alguns fregueses, escutando de um deles a seguinte fala: “É para você ver as regalias, as garantias que tem nessa terra um negociante”. “Mas isto é uma pouca vergonha, é um descalabro!”, respondia outro. Depois disso, o cronista consegue capturar de um desses clientes, uma frase mais elucidativa sobre o que causava a insatisfação daqueles sujeitos. Dizia o freguês:

“— Um homem paga 1:000\$ de licença para poder funcionar a noite inteira, e quando é um belo dia, porque se tornou desagradável a qualquer esbirro policial, movem-lhe uma perseguição atroz, e por fim, o delegado, que pactua com tudo quanto é arbitrário e violento, representa ao chefe pedindo para cassar a sua licença especial!”²⁴

²² “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 de abril de 1901.

²³ BRETAS, Marcos Luiz. *Ordem na Cidade: o exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro, 1907 - 1930*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 147

²⁴ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 de maio de 1901.

Ao descobrir que se tratava do Café dos Prontos, Francisco Guimarães entra na conversa. Usando sua “artimanha” pergunta admirado o que estava havendo. De um dos frequentadores do café, escuta que se tratava de uma perseguição feita pelo agente Fausto Reis, que pediu ao delegado da terceira urbana para caçar a licença daquele local. O cronista então, pergunta o motivo para aquela perseguição, recebendo a seguinte explicação do seu interlocutor:

“— Eu explico ao senhor, porque estou bem ao par do negócio que motivou essa perseguição: quando Machado, dono deste negócio, comprou aquela agência para vender bilhetes de loteria na rua do Sacramento, o antigo dono dava ao Fausto Reis dois mil réis todos os dias em um ou mais bichos.
O Machado, porém, acabou com a comilança e daí nasceu o despeito do agente Fausto Reis, que andou movendo uma perseguição tenaz ao pobre homem.
— E ele não sabia estrilar?
— Ora, de que servia, se estava a fome junta com a vontade de comer... O Fausto despeitado, o Vicente arbitrário!...
(...)
— Pois é verdade, como Machado não passou os dois mil réis por dia em um bicho, o Fausto Reis foi dizer ao delegado que durante a noite o Café dos Prontos era ponto de desordens.
— O delegado, só por isso, pediu para cassar a licença?
— É verdade.
— Pois olhe, é uma pouca vergonha!”²⁵

Ao relatar a fala do cliente do Café dos Prontos na crônica, mostrando que o pedido da cassação da licença era na verdade uma perseguição contra o proprietário daquele local, por este se recusar a prestar suborno ao agente Fausto Reis, Francisco Guimarães, mostrava para seu leitores, que as arbitrariedades da polícia não se restringiam apenas ao uso excessivo da violência, mas também em atos de chantagem e corrupção. Essa denúncia de corrupção era importante, sobretudo, porque nesse período os crimes de corrupção policial também não costumavam aparecer nas ocorrências policiais²⁶.

Além de atos arbitrários, Francisco Guimarães também passou a chamar atenção para o descaso dos policiais da noite com o próprio trabalho. Nesse sentido, a questão dos cochilos feitos pelos policiais durante as horas de trabalho nas delegacias ou em algum canto na rua, passaram a ser expostas pelo cronista na sua “Reportagem da Madrugada”, como faz na crônica do dia 25 de maio.

“Eram 5 e meia horas.

²⁵ Idem

²⁶ BRETAS, Marcos. op. cit. 147.

Seguimos para Catumbi, e fizemos parar o carro na porta do posto ali existente de propriedade do inspetor Paim.

Um grande relaxamento.

Entramos, sentamo-nos e ninguém veio receber-nos para ao menos perguntar:

— Deseja alguma coisa?

Todos dormiam, desde o soldado raso até o sargento comandante do posto.

Com a mesma facilidade com que entramos sem ninguém nos pedir contas, entrará um gatuno e roubará até o último sabre²⁷”.

Ao parar em um posto policial e denunciar que “desde o soldado raso até o sargento comandante do posto” estavam dormindo no horário de trabalho, Francisco Guimarães demonstrava para o seu público, o desleixo de policiais noturnos com seu ofício. Ademais, ao citar o local do posto e o nome do chefe de polícia que era responsável por ele, o cronista contribuía para que posturas como essas não se repetissem, pois não era interessante para os policiais do Catumbi terem seu posto representado como um local de “grande relaxamento” em uma coluna do *Jornal do Brasil*. Tal seria o abandono daquela delegacia, que ele ainda conclui a visita dizendo que, com a mesma facilidade que ele entrou lá, entraria também “um gatuno”, com a possibilidade de roubar “até o último sabre”. Ao relatar isso, buscava mostrar como essa negligência dos policiais com o trabalho gerava perigo para eles mesmos.

Além do descaso de alguns policiais com o próprio serviço, na “Reportagem da Madrugada” Francisco Guimarães também passou a ilustrar outras irregularidades dentro das delegacias. Assim, outro tema que ganhou destaque foi a precariedade das celas. Quando visita a delegacia da 9ª circunscrição no dia 22 de maio, o cronista oferece aos seus leitores, a seguinte descrição:

“A delegacia ocupa um velho prédio da rua do Matoso.

Assim, à primeira vista, o visitante fica satisfeitiíssimo, pois não há negar que é muito boa a casa, limpa e arejada, isto somente quando a parte da frente, onde se acha a sala dos inspetores, dormitório do inspetor de dia, gabinete do delegado, cartório, tendo aos fundos o alojamento das praças.

O porão serve de xadrez aos presos.

É uma coisa incrível, contando, ninguém acredita.

O chão é muito úmido.

É impossível que um indivíduo possa ficar ali detido por mais de 24 horas, sem sofrer as consequências dessa umidade.

Ao lado da imunda jaula, que é dividida em prisão e para homens e para mulheres, há um recanto que serve de despejo para o deslocamento.

Só isto basta para infeccionar toda a casa.

Um indivíduo de estatura regular não pode, em caso de ser preso, conservar-se de pé no tal xadrez.

E isto porque no máximo mede dois metros de altura.

²⁷ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 de maio de 1901.

E dizem que há engenheiros da polícia!”²⁸

O trecho deixa clara a precariedade das celas presentes nas delegacias. Enquanto a parte destinada aos inspetores da 9ª circunscrição seriam de deixar o visitante “satisfeitíssimo”, por ser uma boa casa, “limpa e arejada”, já no local em que ficavam os presos o panorama era bem diferente dada a falta de salubridade do local. Além disso, ele ainda sublinha o quanto as celas eram pequenas, a ponto de um indivíduo de altura média não conseguir ficar em pé nelas. Problemas de estrutura como o deste caso, se davam principalmente, porque muitas das delegacias do período eram prédios alugados, que, quando construídos tinham uma finalidade diferente, o que contribuía para que algumas delas não fossem ideais para abrigar presos, não oferecendo também a segurança necessária²⁹.

Através desta postura, Francisco Guimarães mostrava sua diferença em relação a maior parte das crônicas policiais do período. Enquanto estas inequivocamente se estruturavam a partir da lógica policial, limitando-se a tomar os trabalhadores da cidade como criminosos ou vítimas, ele apontava para novas dimensões da questão policial – como: o excesso de violência, corrupção, o descaso de policiais com o seu serviço ao dormir durante o trabalho e a denúncia a condição das delegacias e suas celas. Trazia com isso um olhar crítico sobre a polícia em suas crônicas, abordando questões que até então costumavam ser ignoradas por outras folhas policiais. Essa abordagem diferenciada adotada na “Reportagem da Madrugada”, pelo seu autor, contribuiu para a crescente popularidade da série entre os leitores do *Jornal do Brasil*, pavimentando o caminho que o tornaria mais tarde um dos principais e mais completos repórteres de polícia da capital federal³⁰.

²⁸ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 de maio de 1901.

²⁹ BRETAS, Marcos. op. cit. p. 156

³⁰ COUTINHO, Eduardo Granja. *Os cronistas de momo: Imprensa e Carnaval na Primeira República*. Editora UFRJ: Rio de Janeiro, 2006. p. 91

Capítulo 2 - O brilho das culturas negras

Ao se voltar de início para o universo policial da noite carioca, as crônicas da “Reportagem da madrugada”, de modo intencional ou não, acabaram iluminando também outra dimensão importante da vida da cidade: a da forte presença em suas noites das culturas negras, expressa em práticas que a força policial teimava em tentar controlar. Era o caso, em especial, de espaços e práticas culturais marcados por uma forte influência do universo afrodescendente: os clubes carnavalescos e as rodas de samba. Em paralelo a atenção dedicada pelo cronista à atividade policial, cabe assim acompanhar como tais práticas festivas foram gradativamente ganhando espaço na série – em postura que mais uma vez aponta para a singularidade do trabalho de Francisco Guimarães, conhecedor antigo deste universo festivo, muitas vezes marginalizado em outras folhas.

Dado o perfil inicial construído para a série, tais práticas, não ganharam de imediato espaço naquelas crônicas. Elas só começaram a aparecer conforme ia crescendo a popularidade do pseudônimo de Francisco Guimarães entre os leitores do *Jornal do Brasil*. Isso porque, ao circular por diferentes localidades pela madrugada e por se tornar conhecido entre os notívagos, o cronista dizia que havia começado a ser convidado para frequentar festas e eventos organizados por conhecidos que faziam parte do quadro de leitores das suas crônicas. Justificava com isso o fato de que, mesmo estando no meio de uma “Reportagem da Madrugada”, se desviasse de seu caminho original para passar a relatar o que acontecia nesse tipo de festejo.

Na reportagem do dia 20 de abril, ao pegar um trem para se abrigar da “chuva que caía” naquela noite, Francisco Guimarães acaba por encontrar com um conhecido que era acompanhado de duas moças. Este então pergunta ao cronista se ele não iria para o baile que ocorreria na casa do tenente Jesus. “Como se tratava do nome de um veterano da Guerra do Paraguai, o nosso vagalume desembarcou e seguiu caminho da referida casa”, explicava o cronista para seus leitores, como justificativa para o seu desvio de rota. Ao chegar na rua Silva Mourão, no bairro do Engenho Novo, o cronista diz ter escutado um “som harmonioso”, que parecia um ímã que o atraía para o local da festa. Ao chegar na casa e descrever o que viu por fora dela, o cronista encontrou com um convidado que tinha saído da sala para “respirar o ar puro da madrugada”. Como se tratava de um dos leitores das suas crônicas, Francisco Guimarães é reconhecido por ele e então os dois estabelecem o seguinte diálogo:

“— Oh! lá! O senhor por aqui a estas hora! Já sei que está na sua afanosa reportagem da madrugada!
 — É verdade, meu amigo.
 Vim até aqui apreciar um pouco esta festa.
 — E porque não entra para assistir melhor.
 — Não, senhor, estou bem aqui.
 — Entre, faça o favor.
 — Não posso, queira desculpar. Tenho pressa; não quero perder o trem das 3 e 10 minutos da estação Central.
 Neste momento chegou o alferes Jesus, filho do tenente Jesus e secretário do Grupo dos Rochuras do clube dos Democráticos.
 — Oh! lá seu vagalume! Há de entrar.
 E o nosso chapéu foi tomado. Entramos.
 Que alegria, que animação, que bela festa!”³¹.

A partir desse trecho, pode-se observar como Francisco Guimarães começava a se tornar conhecido entre membros de clubes carnavalescos. Reconhecido pelo alferes Jesus, “filho do tenente Jesus (dono da festa) e secretário do Grupo dos Rochuras do clube dos Democráticos”, o cronista é intimado a entrar na casa e participar efetivamente daquela “bela festa”, como ele mesmo descreveu na crônica. Era assim como convidado que se aproximava do universo dançante da cidade – o que o faz, de início, por convite de um folião que costumava frequentar também o elegante Clube dos Democráticos.³²

Iniciava-se assim uma aproximação de Francisco Guimarães com associados de clubes carnavalescos que o levaria, a partir de então, a tratar de muitos outros eventos realizados pelas sociedades carnavalescas da cidade, mesmo aquelas de composição mais modesta. Se tais clubes eram objeto constante da vigilância policial³³, passavam assim a ser também objeto de interesse jornalístico, ao menos para os leitores da “Reportagem da Madrugada”.

³¹ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 de abril de 1901.

³² Ver: CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecossistema carnavalesco carioca entre 1880 e 1920*, São Paulo, Companhia das Letras, 2001

³³ Ver: PEREIRA, L. A. M. “E o Rio dançou. Identidades e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912-1922)”. In: Maria Clementina Pereira Cunha. (Org.). *Carnavais e outras festas*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

2.1 - O Carnaval Negro

Como resultado da visita de Francisco Guimarães na festa organizada na casa do tenente Jesus, alguns dias depois, ao começar a crônica do dia 4 de maio pelo largo de São Francisco, o cronista se deparou com outro sócio do Clube dos Democráticos. Ao reconhecê-lo, o sócio o convidou para ir até o clube, o que foi aceito por ele. Quando já estavam próximos do clube, o Vagalume descobriu que naquela noite haveria um baile preparado pelo Grupo dos Rochuras. “Vai ver como aquilo tudo está bonito, deslumbrante! (...) O baile do Grupo dos Rochuras vai ser um sucesso nunca visto nos anais das sociedades carnavalescas!” - adiantava seu interlocutor durante o caminho.

Quando chegou no Democráticos, Francisco Guimarães deixou a seguinte descrição para seus leitores sobre aquele baile:

“A nossa admiração começou logo na escadaria.
Bela e artística ornamentação!
Coisa original que nos recordou o último baile do extinto Clube dos Celibatários, onde o inditoso sócio e procurador do Clube Francisco de Lima Rosa, derramou seu sangue, perdeu a sua vida, em defesa daquele pavilhão multicolor dos heroicos carnavalescos.
O grande salão dos Democráticos estava lindíssimo.
Ali tivemos o prazer de ver um belo escudo em homenagem ao *Jornal do Brasil*.
Lord Bumba, prontificou-se obedecendo às ordens do general Lúcido e mais do 2º secretário, o vagalume Jesus a mostrar-nos todas as dependências pelo que nos confessamos gratos.
Desde a entrada até ao gabinete reservadíssimo dos cavalheiros e damas. Tudo é bandeiras e flores!
A festa desta noite, o baile do grupo dos Rochuras, promete ser feérico!”³⁴

Assim como na crônica anterior, o trecho nos permite observar como os clubes carnavalescos foram ganhando espaço dentro da “Reportagem da Madrugada”. Ademais, ele também revela o modo cuidadoso adotado por Francisco Guimarães ao retratar esses clubes na série. Esse cuidado pode ser notado no fragmento quando, ao entrar, o cronista já deixava claro para seu público que sua “admiração começou logo na escadaria”, ao perceber aquela “bela e artística ornamentação!”. Além disso, ele também estende essa admiração com o baile do Democráticos para outros clubes, ao colocar na crônica que ao se deparar com toda aquela beleza, “recordou o último baile de extinto Clube dos Celibatários, onde o inditoso sócio e procurador do Clube

³⁴ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 de maio de 1901.

Francisco de Lima Rosa, derramou seu sangue, perdeu a sua vida, em defesa daquele pavilhão multicolor dos heróicos carnavalescos”. Ao puxar um acontecimento do passado, para fazer uma comparação com o que estava admirando no baile do Rochuras – o Vagalume mostrava para seus leitores, que o seu conhecimento sobre esses espaços e seus eventos não eram de pouco tempo. Não por acaso, faz questão ainda de relatar ter visto “um escudo em homenagem ao *Jornal do Brasil*”, mostrando que se tratava da folha na qual esse tipo de sociedade tinha espaço e prestígio.

Embora o Clube dos Democráticos fosse um dos mais elitizados do período, a referência a ele serviu de mote para que o tema do associativismo dançante pudesse começar a se fazer presente de modo mais intenso na série. Para além de clubes como o Democráticos, outros clubes pequenos, formados por trabalhadores, também passaram a ter espaço dentro da “Reportagem da Madrugada”. É o que aconteceu na reportagem do dia 14 de maio, na qual o cronista contava ter parado na praça Onze de Junho, indeciso sobre qual destino tomar. Nesse momento, teria encontrado um “amigalhão” que, ao vê-lo, diz a ele: “você caiu das nuvens”. Depois ainda complementa: “andava à sua procura, como quem anda à procura de dinheiro”. Dito isso, o cronista pergunta ao seu amigo o que ele desejava. Este por sua vez, diz ao Vagalume querer levá-lo a um baile no distrito de Santana, onde se encontravam. Inicialmente o cronista dizia “não fazer fé” no convite por dizer não gostar “daqueles bairros”, que seriam “perigosíssimos” – reverberando assim os preconceitos usuais daqueles que costumavam ler as grandes folhas da cidade sobre os bairros com maior presença negra. Em seu caso, no entanto, tratava-se de simples artifício retórico – como mostrava o fato de que, logo em seguida, acaba convencido pelo interlocutor, perguntando a ele onde seria o baile:

— É na rua da América. Trata-se de uma agremiação de operários admiradores do *Jornal do Brasil*.

— Está bem, está fechado; vou. Basta dizer que se trata de uma agremiação de operários para que eu não deixe de atender.

— Então vamos tomar o bonde.

— Não é preciso bonde. Se é na rua da América, vamos pela rua Sant’Anna, tomamos S. Diogo, atravessamos a cancela da Providência e estamos chegados à rua da América.

— Bem lembrado.

E seguimos, apreciando um bom charuto, que o amigo teve a lembrança de nos oferecer-nos, depois da nossa deliberação.

Dez minutos depois, isto é, à 1 hora e 5 minutos, chegamos ao prédio n. 62, sede do Gremio Recreativo Vinte e Quatro de Fevereiro, onde a Sociedade

Beneficente Proteção Operária, dava um magnífico baile em homenagem à data de 13 de maio e para solenizar a posse da nova diretoria (...)³⁵

A partir desse trecho é possível observar como clubes carnavalescos de estrutura simples, formados sobretudo por operários, passaram a se fazer presentes na série. A partir das possibilidades abertas na crônica sobre os Democráticos, Francisco Guimarães enfrentava os preconceitos de seus possíveis leitores, guiando estes rumos às delícias de um daqueles bailes de forte presença negra. Não por acaso, o trecho também permite observar a forte ligação entre os sócios desse clube e a experiência da escravização, expressa na homenagem feita por seus sócios ao 13 de maio, dia da abolição da escravatura. Depois de relatar o que viu na Sociedade Beneficente Proteção Operária, conclui afirmando tratar-se de “um magnífico baile”.

A homenagem ao 13 de maio feita pela Sociedade Beneficente Proteção Operária não ocorreu por acaso. Muitos desses clubes, tinham entre seus associados e membros da diretoria, pessoas negras. Duas imagens publicadas no jornal *A imprensa*, nos permitem contemplar de forma mais atenta a presença afrodescendente nos clubes.



A Imprensa. 17 de fevereiro de 1911 - Yayá Formosa.

³⁵ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 de maio de 1901.



A Imprensa. 18 de Fevereiro de 1911 - União das Flores

Devido à forte marca negra desses clubes, aquele tipo de associação não costumava ganhar espaço na grande imprensa, ao menos não fora das colunas policiais. Em direção contrária, no entanto, Francisco Guimarães não apenas noticiava suas atividades, mas também fazia questão de apresentar suas diretorias na “Reportagem da Madrugada”. É o que acontece na mesma crônica do dia 14 de maio quando participa do baile no Grêmio Recreativo Vinte e Quatro de Fevereiro. Depois de dizer que aquele baile era em homenagem ao 13 de maio, o cronista resolveu apresentar a nova diretoria: “Presidente, Fidelis José Marques (reeleito); vice-presidente, José Lima de Souza; 1º secretário, Carlos Noberto Barbosa; 2º secretário, Luiz Felipe de Mattos; tesoureiro, Luiz Alves Pereira (reeleito); procurador, Martinho José de Moraes” - mostrava para o público da sua coluna. Depois da chuva de “cerveja e discursos”, cita o nome daqueles e de outros membros daquela sociedade, como os professores que estavam na sala de música e as damas que se encontravam na sala das danças, Francisco Guimarães mostrava dar a ela o mesmo tratamento distinto em geral dedicado pelas grandes folhas somente aos bailes de sociedades mais elegantes, como o próprio Clube dos Democráticos. Com isso, Francisco Guimarães não apenas mostrava para seus leitores quem eram os sujeitos que constituíam esses clubes, como conferia a eles uma dignidade pouco comum na imprensa do período.

De fato, frente aos ditames das teorias raciais do período, que buscavam afirmar a inferioridade de negros e pardos em relação ao branco³⁶, espaços de lazer como esses clubes formados por trabalhadores negros eram praticamente desconhecidos pelos leitores das grandes folhas, sendo mais comuns a referência a eles nas crônicas policiais. Por isso, para conseguirem organizar seus bailes pela madrugada, precisavam negociar constantemente com a polícia³⁷.

2.2 - A musicalidade de matriz africana

Ao representar de maneira positiva espaços de lazer frequentados por trabalhadores afrodescendentes, Francisco Guimarães permitia que esses locais tivessem um espaço pouco comum na imprensa, e que seus bailes passassem a ser representados de modo positivo. No entanto, não só para clubes carnavalescos se voltaram os olhos de Francisco Guimarães. A musicalidade negra passou também a ganhar visibilidade na série. De modo significativo, a visibilidade sobre ritmos e artistas afrodescendentes começou a partir da crônica do dia 13 de maio quando o cronista visita o bairro da Piedade. Nessa visita ao bairro, Francisco Guimarães se encontrou com o senhor Felix Bastos Caruaíba, que de acordo com o cronista era “muito conhecido na zona suburbana como Vovô das Crianças e na roda dos baianos por Felix Rochinha”³⁸. Como se tratava de um conhecido, o cronista resolveu se aproximar dele e tratar “logo de indagar seu destino, pois era acompanhado de uns músicos”. Após perguntar o destino de Felix Rochinha e dos músicos – já imaginando que era um belo “forrobodó” – Francisco Guimarães acabou sendo convidado para um pagode. Inicialmente o cronista recusa o convite, pois naquela noite teria “muito trabalho”. Mas depois acaba aceitando, quando escuta do seu interlocutor que não aceitaria “desculpas” para não ir no referido pagode.

³⁶ Ver: SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 - 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

³⁷ PEREIRA, L. A. M. op. cit. p. 422

³⁸ A “roda de baianos” mencionada pelo cronista, pode-se entender como uma referência as rodas de samba, tendo em vista que devido a presença nordestina, principalmente de baianos, em regiões em que essas rodas costumavam acontecer, isso fez se generalizasse o termo “baiano” para se referir aos seus frequentadores. Ver: CUNHA, Maria Clementina Pereira. “‘Acontece que sou baiano’: identidades em Santana - Rio de Janeiro, no início do século XX”. in: AZEVEDO, Elciene; CANO, Jefferson; CUNHA, Maria Clementina Pereira; CHALHOUB, Sidney (orgs). *Trabalhadores da Cidade: cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX*. Campinas, S.P: Editora da Unicamp, 2009.

“Em vista de tal intimação, não tivemos outro remédio senão tocar a rica marcha para o lugar que o vovô indicasse”, relata o cronista. Aceitado o convite, Francisco Guimarães resolveu apresentar os músicos que acompanhavam o Vovô, sendo a música “composta por um pistão habitualmente executado pelo sr. Luiz de Souza, do corpo de bombeiros; flauta, pelo senhor João da Luz; violão, pelo conhecido cancionista Eduardo das Neves; mais dois violões e um cavaquinho”. “Que belas harmonias”, afirmava o cronista para seus leitores. Logo após chegar na festa, o Vagalume centrou seu olhar no talento de Eduardo das Neves, oferecendo ao seu público o seguinte relato:

“E tantas coisas bonitas eles tocaram e tantas cançonetas chiques cantava o Eduardo das Neves, que ficamos cheios de contentamento. Depois de regular caminhada chegamos à casa n. 51 da Rua da Peidade (sic), próximo da Estrada Real de Santa Cruz. Ali festejava-se o aniversário natalício de d. Maria Duque Leitão, uma excelente senhora muito conhecida e estimada naquela localidade. A casa estava repleta. Os músicos executaram uma polca e todos começaram a desembaraçar as pernas e mostrar-se alegres, porque tristezas não pagam dívidas... A festa ocorreu no meio da maior animação. O Eduardo das Neves, fez se ouvir nas seguintes cançonetas: paródias do Angu do barão, do bonde de Santa Tereza, da Preta Mina, a cançoneira O Arame e muitas outras de seu grande repertório, que o público terá ocasião de apreciar no Teatro Coliseu, na praça Onze de Junho, onde estreará na próxima quarta-feira”³⁹.

Ao salientar todo o talento de Eduardo das Neves, além de citar algumas de suas músicas e ainda anunciar sua apresentação que ocorria na próxima quarta-feira no Teatro Coliseu, Francisco Guimarães divulga o trabalho daquele artista em um grande jornal, que até então era pouco conhecido para além dessas pequenas festas e rodas de samba. Uma imagem que aparece no *O Malho* em 1917, quando Eduardo das Neves já era um músico conhecido na capital federal, nos permite observar como era o cantor.

³⁹ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 de maio de 1901.



Eduardo das Neves. *O Malho*, 6 de janeiro de 1917, p. 44

A partir dessa imagem consegue-se observar os traços afrodescendentes do Crioulo Dudu (como também ficaria conhecido Eduardo das Neves). Ao valorizar o trabalho desse músico na sua “Reportagem da Madrugada”, Francisco Guimarães contribuiu para que um artista, que assim como ele – era negro e de origem humilde – tivesse a possibilidade de ascensão do seu trabalho ampliada. Esse não seria, no entanto, o único encontro entre o cronista e o músico. Tendo em vista que, posteriormente, o Vagalume se tornaria um dos mais constantes informantes sobre a carreira de Eduardo das Neves, o ajudando também a escrever e revisar algumas letras de suas músicas⁴⁰.

Para além de músicos mais conhecidos na Primeira República, como Eduardo das Neves, outros sujeitos, como músicos de rua, também passaram a ganhar espaço nas crônicas do Vagalume. Na “Reportagem da Madrugada” do dia 11 de junho, ao

⁴⁰ ABREU, Martha. “O ‘crioulo Dudu’: participação política e identidade negra nas histórias de um músico cantor (1890 – 1920)”. *Topoi*, v. 11, n. 20, p. 92 – 113, jan. / jun. 2010, p. 97

passar pela rua São Cristóvão e tendo recebido um “convite sereno”, o cronista aprecia uma “grande pagodeira”. Após isso, oferece o seguinte testemunho para os leitores da série:

“Ali, naquele momento, um mocinho de cor parda, trajando calça branca, camisa de cor, paletó de alpaca e botinas brancas, fazia-se ouvir em chistosa cançoneta, cujo estribilho era:
 ‘São desgraças que acontece
 São desgraças e... acabou
 Quando menos o esperava...
 Catrapuz... descarrilhou...’”⁴¹

Embora Francisco Guimarães não revele o nome do músico desta vez, a partir desse trecho, no entanto, pode-se notar como a “Reportagem da Madrugada” se transformava um espaço de propaganda para artistas negros e pardos, que tinham na coluna a oportunidade de mostrar seus trabalhos. Ademais, o fragmento evidencia o esforço do cronista em representar o trabalho dessas pessoas sob uma ótica positiva, tendo em vista que além de reportar de maneira cuidadosa a vestimenta fina do cantor, o cronista também transcreve um trecho da sua “chistosa cançoneta”, contribuindo para divulgar aquela música na imprensa.

Ao dar destaque a músicos afrodescendentes, Francisco Guimarães passou também a jogar luzes sobre gêneros musicais de influência africana. Nesse sentido, o samba – que começava a crescer neste momento no Rio de Janeiro, sobretudo em regiões da cidade com forte presença afrodescendente⁴² – também começou a ter notoriedade na coluna da madrugada do Vagalume. O samba aparece mais explicitamente na série, a partir da crônica do dia 13 de junho, quando o cronista inicia a sua investigação noturna pela praça da Aclamação (Campo de Santana) no distrito de Santana, no centro do Rio de Janeiro. “Vimos um grupo com pandeiros e outros instrumentos próprios para a esquisitíssima dança que apreciadores chamavam – de velho”, relatava o cronista. Em seguida, Francisco Guimarães descreve as mulheres que acompanhavam o grupo, estando elas vestidas de “saias cheias de bicos, muito largas, envolvendo o corpo em um pano da Costa d’África”. Depois disso, ele abre a crônica para o diálogo entre dois integrantes do grupo.

⁴¹ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 de junho de 1901.

⁴² Ver: CUNHA, Maria Clementina Pereira. op. cit.

“Em certa ocasião apareceu um mocinho de cor parda, cabelos cortados rente e disse aos do bando:

— Bravos saias cheias de bicos, muito largas, envolvendo o corpo em um pano da Costa d’África! estou gostando do corretismo! Ali, baiano, na hora!...

Um deles, (pareceu-nos o chefe do cordão) adiantou-se; ao chegar à frente do outro que falava, fez uma letra esse desmanchou-a e o chefe disse:

— Ora, você é um canalha!

— Canalha, por que?

— Porque não foi à casa do João *Flautim*.

— Fizeram *serão* na oficina...

— Não sabes o que perdeste...

— Por que?

— Um choro medonho!

— Quer saber de uma coisa? Não gosto dessa história de polca, valsa e quadrilha. Comigo, você já sabe, é no *adufo* velho.

— Houve também samba. Na sala da frente, já sabe, o respeito era grande, mas na dos fundos... ah! meu irmão, nem te conto nada!...

Nunca vi um guisado tão gostoso!...

— E bóia?

— Havia em penca... Você sabe que o João Flautim quando dá uma brincadeira em casa não olha às pelegas que se vão”⁴³.

Por meio do trecho, pode-se inferir que o grupo do qual o cronista chama atenção era de adeptos do chamado samba. Além disso, ao abrir a crônica para a conversa entre dois desses membros, mais que dar voz a esses sujeitos, permitia que através deles, aquele ritmo e os espaços onde ocorriam as rodas – como a casa de João Flautim – aparecessem na “Reportagem da Madrugada” tendo suas qualidades evidenciadas, sendo destacada não só a boa música, mas também a comida para os convidados que “havia em penca”. Outrossim, o cronista reforça a africanidade entre os sambistas, ao repetir o que já tinha descrito por meio da fala inicial do “mocinho de cor parda” ao restante do bando, que parabenizava a produção das mulheres que usavam “saias cheias cheias de bico, muito largas, envolvendo o corpo em um pano da Costa d’África”.

Poucos dias depois, ao passar novamente pela praça da Aclamação quando cobria a reportagem do dia 22 de junho, Francisco Guimarães notou um indivíduo “que lá apareceu empunhando o seu violão”. “Horas bem agradáveis nos proporcionou o trovador”, confessava o cronista, que se mostrava encantado com aquelas “modinhas chorosas!” e aqueles “lundus jocosos”, que faziam parte do repertório “inesgotável” do cantor. Tal era o talento do músico que: “a patrulha de polícia, não teve coragem de dizer-lhe que os serenistas eram proibidos, porque ela estava gostando da coisa”.

⁴³ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 de junho de 1901.

Ao fixar seu olhar no que era cantado pelo músico de rua, Francisco Guimarães percebe que se tratava de uma música que satirizava o aumento das passagens feitos pela Companhia São Cristóvão – que alguns dias antes havia sido o motivo que levou alguns trabalhadores a protestarem e serem punidos violentamente pela polícia⁴⁴. Devido a isso, a própria polícia era referida na música em “tom áspero”, embora os policiais presentes na praça estivessem apreciando a apresentação⁴⁵. A série se tornava assim espaço para músicos populares protestarem por meio da música, contra questões que feriam o direito daqueles mais necessitados, que dependiam de transportes, como os bondes.

Ainda que a polícia da praça da Aclamação não tenha chegado a intervir na apresentação, essa não era a postura usual da frota policial em situações como estas. Ao passar mais uma vez pela praça da Aclamação, como contou na crônica do dia 3 de julho, Francisco Guimarães parou em um café, onde notou um “grupo numeroso de baianos e baianas, que vinham de um samba em casa da baiana Isabel, mãe de João Flautim (...)”. Após isso, como em outras situações, o cronista transcreve na sua folha o que escuta da conversa entre os integrantes do grupo.

“— Isabé foi muito feliz, porque o samba correu sem havê baruío nem desordi. (sic)
 — Ó xentes! (sic) tinha graça... para a casa da rapariga e no dia do seus anos fazê lambança.
 Neste momento, um deles começou a bater no pandeiro e entou uma chula, cujo estribilho era este:
 Eu não quero que ninguém me seja (sic)
 Bebida boa é a cerveja
 ‘Eu não quero que ninguém me veja;
 Bebida boa é a cerveja’.
 Todo aquele pessoal caiu no *batuque*, até que chegou a patrulha de cavalaria.
 — Vamos lá! Vamos lá! deem uma volta nisso!...
 Eles silenciaram e seguiram cada um para o seu lado, depois de tomar, para despedida, a última dose de parati”⁴⁶.

⁴⁴ Para além da reportagem do dia 22 de junho, Francisco Guimarães acompanha as repercussões das manifestações contra o aumento dos preços dos bondes e a violência policial que se seguiu contra esses manifestantes, em outras crônicas da série. Ver: “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19, 20 e 21 de junho de 1901. Além da “Reportagem da Madrugada” e do *Jornal do Brasil*, essas manifestações e a repressão policial também ganharam espaço nas páginas de outros periódicos. Ver: “A. S. Cristóvão”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 de junho de 1901.

⁴⁵ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 de junho de 1901.

⁴⁶ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 de julho de 1901

Ao dar voz aos “baianos” e “baianas” que faziam parte de um grupo de sambistas, Francisco Guimarães, mais uma vez, contribuía para que o samba, como prática cultural do universo afrodescendente, aparecesse valorizado na fala dos seus adeptos. Além de que, novamente cita um fragmento da letra cantada por um dos músicos do grupo e também tem o cuidado de reproduzir na crônica até o jeito de se expressar dessas pessoas, de modo que seus leitores pudessem intuir que se tratava de sujeitos oriundos das camadas mais pobres, que aproveitavam o espaço da madrugada para o seu lazer. Todavia, a partir desse trecho, pode-se perceber também a repressão contra o “batuque” feito por eles, quando a patrulha de polícia chega e de imediato, manda parar com a música acabando com a festa.

Muito já se debateu sobre a origem do samba e como esse gênero musical que inicialmente era reprimido e basicamente restrito aos morros cariocas, teria se popularizado, a ponto de se tornar um ritmo nacional. Esse seria, para o antropólogo Hermano Vianna o “mistério do samba”⁴⁷. Não tentando desvendar esse mistério, mas olhando para as crônicas de Francisco Guimarães como um lugar em que o samba e músicos negros e pardos passaram a ser valorizados, pode-se constatar, como a musicalidade negra até então marginalizada, foi, por meio dessa série, ganhando espaço dentro do universo intelectual das elites e da classe média urbana que também faziam parte do quadro de leitores do *Jornal do Brasil* e da “Reportagem da Madrugada”. Sob este prisma, pode-se perceber, como ainda na sua primeira série, Francisco Guimarães já começava a construir o caminho que posteriormente também o tornaria uma das principais referências sobre o samba e a sua origem⁴⁸.

2.3 - O mundo dos feitiços

Francisco Guimarães não foi o único cronista a trazer para sua folha, no período, questões ligadas ao universo cultural afrodescendente. Assim como o Vagalume, Paulo Barreto - conhecido pelo pseudônimo de João do Rio - também se empenhou nas suas crônicas em olhar o universo cultural de sujeitos que não estavam englobados nas imagens habituais da *belle époque* carioca. Cabe assim tentar

⁴⁷ Ver: VIANNA, Hermano. “O Mistério do Samba”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed./ Ed. UFRJ, 1995.

⁴⁸ NAPOLITANO, Marcos; WASSERMAN, Maria Clara. “Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira”. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 20, nº 39, p. 167 - 189, 2000. p. 170.

estabelecer um olhar mais cuidadoso sobre o modo pelo qual cada um dos dois cronistas, ao seu modo, representou em suas colunas essas manifestações culturais.

Em “A cidade e a modernidade: João do Rio”, Orna Messer sublinha que, por meio de suas crônicas: “João do Rio desperta para a pulsão de vida existente nas ruas”, saindo “à procura de aspectos humanos, das impressões marcadas seja pelas celebridades que a rua cria, seja pela língua falada, seja pelas revoltas que ela testemunha”. Diante disso, segundo a autora, sua crônica revelava “o nascimento de uma identidade pautada pela existência do outro”⁴⁹. Esta última afirmativa, sintetiza uma das características do trabalho de Paulo Barreto, que é o caráter etnográfico das suas crônicas, sobretudo na série “As Religiões do Rio”, em que ele frequentava diferentes espaços religiosos da capital federal. Com ajuda de informantes e assumindo o papel de *outsider* - tendo em vista que não conseguiria ter acesso a esses locais por conta própria⁵⁰ - João do Rio apresentava aos seus leitores a diversidade religiosa e cultural da cidade.

Nessa série, as religiões de matriz africana ganharam destaque, muito por conta do exotismo que elas apresentavam para os olhares curiosos daqueles que até então, não tinham familiaridade com essas religiões, como o próprio João do Rio. Esses mesmos olhares de fora costumavam vir carregados de preconceitos e estereótipos. É o caso da crônica intitulada “No mundo dos feitiços: os feiticeiros” no dia 9 de março de 1904, em que Paulo Barreto narra uma visita a algumas casas das ruas São Diogo, Barão de São Felix, do Hospício, Núncio e da América onde eram praticados candomblés e que também viviam pais de santo⁵¹. A exploração começa com a ajuda de um jovem negro de nome Antônio, que é descrito da seguinte forma por João do Rio:

“Antonio é como aqueles adolescentes africanos de que fala o escritor inglês. Os adolescentes sabiam dos deuses católicos e dos seus próprios deuses, mas só veneravam o Whiskey e o Schilling. Antonio conhece muito bem N. S. das Dores, está familiarizado com os oxalás da África, mas só respeita o papel moeda e o vinho do Porto. Graças a esses dois poderosos agentes, gozei da intimidade de Antonio, negro inteligente e vivaz (...)”⁵².

⁴⁹ MESSER, Orna. “A cidade e a modernidade: João do Rio”. Remate de Males, Campinas, (10,) pp. 21-25, 1990.

⁵⁰ O’ DONNELL, Julia. “A etnografia urbana de João do Rio”. In: *De olha na rua: A cidade de João do Rio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008. p. 107.

⁵¹ João do Rio *apud* O’ DONNELL, Julia. op. cit. p. 108.

⁵² João do Rio. “As Religiões do Rio”. *Gazetas de Notícias*, Rio de Janeiro, 9 de março de 1904.

Se por um lado João do Rio destaca a inteligência e vivacidade de Antônio, por outro o trecho deixa evidente o olhar preconceituoso do cronista com relação aos africanos, ao dizer que estes “só veneravam o Whiskey e o Schilling” (que pode ser entendido como uma referência ao dinheiro). Ademais, João do Rio ainda reforça determinados estereótipos sobre os negros do candomblé, ao destacar na crônica, que Antônio - negro e familiarizado com os oxalás da África - “só respeita o papel moeda e o vinho do porto”.

Devido ao seu olhar de outsider, João do Rio apresentava para seu público os rituais religiosos a partir do seu julgamento pessoal sobre o que via, contribuindo para que as suas crônicas sobre religiões com o qual não tinha familiaridade fossem cheias de preconceitos. É o que ele faz quando visita uma “Missa Negra”, que seria uma das variações de culto satânico. Essa visita foi relatada pelo cronista da seguinte maneira:

“Atravessamos uma aléia de sapucaias. O terreno enlameado pegava na sola dos sapatos. Justino ia à frente, com um preto que assobiava, dois cães sujos e magros. Por entre os canteiros incultos crescia a erva daninha, e os troncos das árvores, molhados de luar, pareciam curvar-se.

— Entramos no inferno?

— Vamos ao *sabbat* moderno.

Tínhamos chegado ao velho prédio, que emergia da sombra. O negro empurrou a porta e todos três, misteriosamente, penetramos numa saleta quase escura, onde não havia ninguém. Justino lavou as mãos, respirou forte e, abrindo uma outra porta, sussurrou:

— Entre.

Dei numa vasta sala cheia de gente. Candeeiros de querosene com refletores de folha pregados às paredes pareciam uma fileira de olhos, de focos de locomotiva golpeando às trevas numa pertinaz interrogação. A atmosfera, impregnada de cheiros maus de pó-de-arroz e de suor, sufocava. Encostei-me ao portal indeciso. Remexia e gania entre aquelas quatro paredes o mundo estercorário do Rio. Velhos viciados à procura de emoções novas, fufias histéricas e ninfomaníacas, mulatas perdidas, a ralé da prostituição, tipos ambíguos de calças largas e meneios de quadris, caras lívidas de *rôudeurs* das praças, homens desbriados, toda essa massa heteróclita cacarejava impaciente para que começasse a orgia. Os velhos tinham olhares cúpidos, melosos, os tipos dúbios tratavam-se entre si de comadres, com as facas pintadas, e a um canto o empregado dos Correios, esticando o pescoço depenado de condor, fixava na penumbra a presa futura”⁵³.

O trecho explicita o olhar preconceituoso de João do Rio, principalmente quando o cronista comenta sobre as pessoas presentes na vasta sala “impregnada de

⁵³ João do Rio *apud* O’DONNELL, Julia. op. cit. p. 106 - 107.

cheiros maus de pó-de-arroz e suor”, caracterizando de maneira pejorativa para seus leitores as pessoas que faziam parte daquele ritual.

Já Francisco Guimarães, na sua “Reportagem da Madrugada”, traz uma postura muito diferente ao tratar sobre alguma crença ou religião. Na reportagem do dia 8 de junho, ao pegar um bonde que tinha duas senhoras que conversavam após voltar de uma sessão espírita e achando interessante aquela conversa, o cronista resolve transcrevê-la na sua crônica, compartilhando com seus leitores o seguinte diálogo:

- A sessão esteve muito boa!
- Mas o presidente de hoje não é tão enérgico como aquele da outra vez.
- Ah!... é principalmente.
- Aquela moça que trabalhou hoje é uma boa *medium-vidente*.
- Aquela é filha do seu Pacheco.
- Que seu Pacheco? O da Padaria?
- Oh! gentes, quem há de ser, então?
- Eu conheço outro seu Pacheco?
- Mas sá Carlota, a senhora acha que aquele menino fique bom?
- Fica, fica, porque o Aballo já curou uma criança em piores condições.
- Eu não gosto do Aballo.
- Como?
- Desde o dia em que morreu aquela moça em casa dele!
- Ora! porque ela concentrou-se demais... e tanto que quando o espírito abandonou a matéria, seu Aballo invocou imediatamente, para dar explicações.
- Pois sim, eu sou muito crédula, mas não quero que ele um dia chame o meu espírito para dar explicações. Deus me livre!
- Pois olhe, eu gosto mais do seu Aballo, que do Torteroli.
- Então, estamos em oposição. Eu gosto mais do Torteroli, o trabalho dele pode-se ver”.

A partir desse trecho, pode-se observar a diferença do trabalho de Francisco Guimarães para outros cronistas como João do Rio. Enquanto o segundo traz um olhar preconceituoso e reforça alguns estereótipos sobre as experiências religiosas e seus integrantes, quão o qual não tem proximidade, o cronista da “Reportagem da madrugada” opta por não fazer um julgamento. Ao invés disso, ele permitia que os próprios sujeitos que integravam essas manifestações religiosas e culturais falassem das suas experiências. Ao escolher transcrever o diálogo dessas pessoas e colocar as opiniões desses mesmos sujeitos, no lugar de julgá-las de maneira depreciativa, Francisco Guimarães, assim, marcava a singularidade do seu trabalho como cronista.

Ao jogar luzes sobre espaços e manifestações culturais que faziam parte do universo afrodescendente, Francisco Guimarães contribuiu para valorizar as culturas negras que até então ou eram ignoradas ou apareciam na imprensa sendo

caracterizadas de modo negativo, além de dar voz aos sujeitos que as integravam. Ao trazer nas suas crônicas esse olhar diferenciado sobre essas práticas culturais e por ser alguém que também fazia parte delas⁵⁴, o Vagalume ia marcando também a singularidade do seu trabalho dentro da imprensa, o que contribuiu para a popularidade da sua “Reportagem da Madrugada” entre os leitores do *Jornal do Brasil*.

⁵⁴ COUTINHO, Eduardo Granja. op. cit. 93

Capítulo 3 - Nem só de boemia vive a madrugada: os trabalhadores noturnos

As questões relacionadas às ocorrências policiais ou às diversões noturnas não foram as únicas a se fazer presentes na “Reportagem da Madrugada” de Francisco Guimarães. Ainda que estes temas marcassem de início a proposta da série, gradativamente ela passou a atentar também para mais um tipo de questão: o cotidiano dos trabalhadores noturnos, tema que aos poucos se impôs como um dos mais frequentes naquelas crônicas. Em um momento no qual a capital federal buscava se tornar símbolo da modernidade que pretendia projetar para a nação⁵⁵, esses registros apontam para as experiências dos muitos trabalhadores de baixa renda que por falta de opção, ocupavam as ruas em trabalhos temporários, desprovidos de direitos e com baixa remuneração.

Era o caso, em especial, dos trabalhadores portuários, categoria formada em sua maior parte por negros e pardos⁵⁶. No artigo “Negros do Porto: trabalho, cultura e repressão policial no Rio de Janeiro”, Erika Bastos Arantes fala das dificuldades desses trabalhadores em sua luta cotidiana pela sobrevivência.

“Nas disputas diárias na parede, o desafortunado que não conseguisse trabalho em determinado dia poderia ficar no bolso vazio à noite. Muitas vezes ter ou não onde dormir dependia de o sujeito ter sido escolhido pelo contratador. Se tinha trabalho, poderia pagar uma hospedaria no fim do dia, caso contrário enfrentava a noite num banco de praça ou em alguma embarcação do cais. Essa última opção podia até ser a mais vantajosa, pois assim o operário já acordaria no local de trabalho e bem cedo se lançaria de novo a uma nova batalha na ‘parede’”⁵⁷.

Sujeitos a dormir na rua por falta de dinheiro para pagar uma hospedaria, os trabalhadores do porto compunham uma das categorias que experimentava o risco permanente do desabrigo. Não estavam, porém, sozinhos em tal situação. Como eles, muitos outros trabalhadores que não ganhavam o suficiente para garantir uma moradia

⁵⁵ Ver: NEVES, Margarida de Souza. op. cit.

⁵⁶ Ver: ARANTES, Erika Bastos. “Negros do Porto: trabalho, cultura e repressão policial no Rio de Janeiro, 1900-1910”. in: AZEVEDO, Elciene; CANO, Jefferson; CUNHA, Maria Clementina Pereira; CHALHOUB, Sidney (org.). *Trabalhadores na cidade: cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX*. Campinas (SP): Editora Unicamp, 2009.

⁵⁷ A “parede” na qual a autora se refere era o local que os trabalhadores interessados deveriam se apresentar para conseguir a vaga dentro da turma que iria desempenhar o serviço. Ver: ARANTES, Erika Bastos. op. cit. p. 116

decente se viam obrigados a dormir na rua, correndo o risco de serem vistos como vadios. É sobre eles que Francisco Guimarães lançou a sua atenção na crônica do dia 12 de abril. Contava nela que, ao passear na madrugada da véspera pela região da Praça Tiradentes, no centro da cidade avistou “quatro indivíduos dormindo na travessa do teatro”, tendo “mais quatro dormindo no fundo da Escola Politécnica” e outros “treze dormindo nas diversas portas de casas de negócios na Rua Luiz de Camões”. “Que miséria!” exclamava o cronista com indignação⁵⁸. Dois dias depois, voltava ao tema em outra crônica na qual demonstrou sua preocupação com aquelas pessoas que por falta de domicílio, não tinham como fugir do “frio de rachar”⁵⁹ que fazia naquela noite.

Foi como resultado dessa atenção crescente em relação ao tema que, na crônica do dia 17 do mesmo mês, Francisco Guimarães voltaria a ele de modo mais direto. Após ter passado de novo pela Praça Tiradentes, de início tentou se esquivar de tratar daqueles “infelizes que estavam dormindo ao relento, nas escadarias dos edifícios por ali existentes”, mudando sua atenção para outros assuntos. “Deixamos para visitá-los mais tarde, porque o número é maior e as ocorrências são mais interessantes”, explicava. Ao chegar no Largo de São Francisco, no entanto, o tema se impôs mais uma vez. “Como déssemos pela falta dos infelizes, que dormem ao relento, fomos descobri-los na travessa das Belas Artes, que está transformada em dormitório ou casa de alugar quartos”⁶⁰, explicava com certa surpresa.

⁵⁸ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 de abril de 1901.

⁵⁹ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1901.

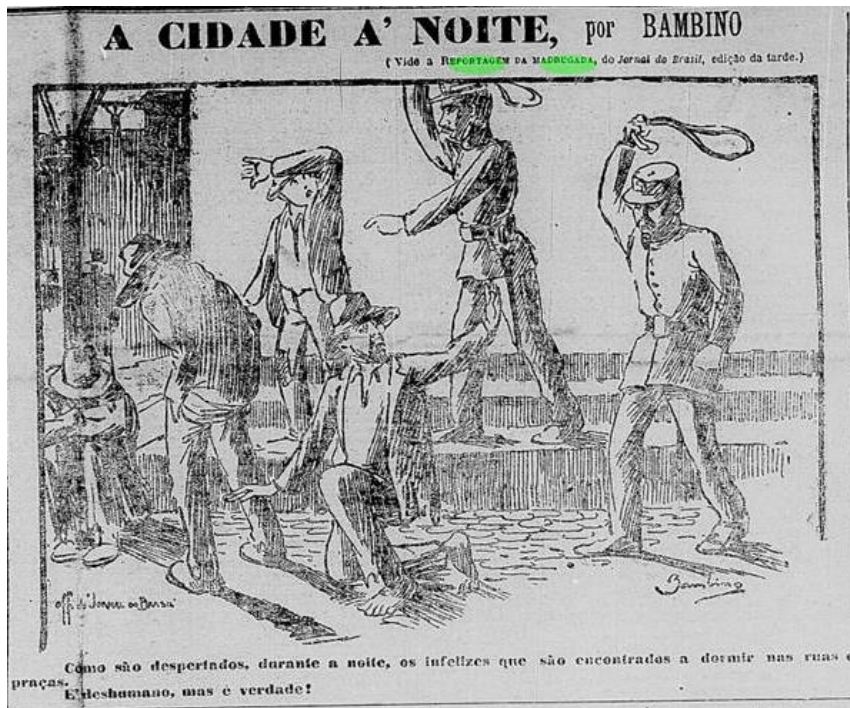
⁶⁰ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 de abril de 1901.



“Distrito de Sacramento 1902” (Imaginerio.org).

No mapa acima é possível visualizar a proximidade entre o largo de São Francisco, a Praça Tiradentes e a Travessa Belas Artes. Todos pertencentes ao Distrito de Sacramento, um dos distritos mais importantes da área central da cidade. Além de mostrar a força assumida pelo fenômeno na região central, Francisco Guimarães sublinhava que a “polícia deveria lançar suas vistas” para aquela situação pois não eram “só os vagabundos” que ali estavam “inconvenientemente”, mas também “homens que deviam fazer-se respeitar”, que não deveriam “imiscuir-se com tais notívagos”. Ao afirmar isso, o Vagalume, por um lado, compartilha com seus leitores os preconceitos que o fazem crítico sobre a situação dos moradores de rua. Por outro lado, também tem o cuidado de mostrar para seus leitores que em meio àquelas pessoas, também haviam trabalhadores.

Como um atestado dos relatos constantes de Francisco Guimarães sobre esses sujeitos que dormiam na rua, aparecia na edição vespertina do mesmo jornal, na edição do dia 17 de abril, uma charge de Bambino sobre “a cidade à noite”, explicitamente baseada na “Reportagem da Madrugada”. Para além do relato de Vagalume, a imagem apontava para o que poderia acontecer com esses trabalhadores pobres que eram encontrados dormindo na rua pela polícia.



Bambino. "A cidade à noite". *Jornal do Brasil*, 17 de abril de 1901.

No rodapé da imagem ainda aparece: "Como são despertados, durante a noite, os infelizes que são encontrados a dormir nas ruas e praças. É desumano, mas é verdade!". Partindo dos fragmentos apresentados em diálogo com a charge de Bambino, pode-se perceber como já nas primeiras crônicas, Francisco Guimarães embora reforçasse em parte alguns estereótipos sobre os moradores de rua, também demarcava na série a sua preocupação com os trabalhadores pobres, que por estarem na mesma situação dos notívagos da rua, acabavam sendo vítimas da violência policial. Essa preocupação de Francisco Guimarães, no entanto, não costumava ser compartilhada entre intelectuais e leitores contemporâneos do *Jornal do Brasil*.

Não eram apenas os leitores contemporâneos do *Jornal do Brasil* que costumavam ignorar a presença pelas ruas de sujeitos como os notívagos tratados por Vagalume. Para além deles, a própria história afirmada em geral sobre a Primeira República acabou por corroborar a ideia de que eles seriam sujeitos ausentes do período, que só ganhavam visibilidade por manchar as imagens de modernidade projetadas sobre a capital federal⁶¹. Para pensarmos melhor sobre os limites desta

⁶¹ Ver: CARVALHO, José Murilo de. "Os três povos da República". Revista USP, São Paulo, n. 59, p. 96 - 115, setembro - novembro, 2003

ideia, cabe tentarmos entender como os trabalhadores de baixa renda, supostamente excluídos da *belle époque* carioca, conseguiram se tornar personagens importantes na “Reportagem da Madrugada” de Francisco Guimarães.

3.1 - Os trabalhadores da “Reportagem da Madrugada”.

A atenção de Vagalume sobre o cotidiano dos trabalhadores de baixa renda começa a se fazer presente a partir da segunda crônica da série, no dia 10 de abril, quando o cronista visitou o bairro do Engenho Novo. Ao adentrar em um “célebre botequim” do bairro, ele se deparou ali com um caixeiro apelidado de “Seu funcionário”⁶². Ao voltar dois dias depois encontrou novamente “o tal caixeiro que gosta imensamente de ser chamado de seu Funcionário”, destacando que, assim que o viu, “o cumprimentou e foi servir a ceia”, pois “estava em atividade espantosa”⁶³. Em movimento semelhante, na crônica do dia 16 de abril, em que narrava sua visita a um café da rua Gonçalves Dias, Francisco Guimarães chama atenção para o caixeiro daquele local, que teria o apelido de “Espaço fino”, conhecido assim por permitir que seus clientes, mesmo que sem dinheiro, pudessem consumir e pagar posteriormente⁶⁴. Ao retornar ao local na noite seguinte para tomar nota para sua série, Francisco Guimarães destaca que o caixeiro “estava muito satisfeito, porque fora publicado o seu apelido, salientando-se as suas qualidades de bom camarada”⁶⁵.

Caixeiros como “Seu funcionário” e “Espaço fino” costumavam ter uma rotina de trabalho marcada, desde o século XIX, por péssimas condições de trabalho, com jornadas de 16 ou 18 horas por dia, muitas vezes tendo que passar dias e noites dentro das próprias casas de comércio, sem receber salário e sob a constante vigilância do patrão⁶⁶. Além disso, não costumavam ter o cotidiano do seu trabalho representado nas grandes folhas da cidade – que, frequentemente atentas aos negociantes e suas famílias, muito raramente abriam espaço em suas folhas para os funcionários desses estabelecimentos, como os garçons citados na série. Ao jogar luzes sobre o trabalho desses caixeiros, Francisco Guimarães se afastava assim do que era um padrão da

⁶² “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 de abril de 1901.

⁶³ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 de abril de 1901

⁶⁴ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 de abril de 1901

⁶⁵ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 de abril de 1901.

⁶⁶ POPINIGIS, Fabiane. “‘Todas as liberdades são irmãs’: os caixeiros e as lutas dos trabalhadores por direitos entre o Império e a República”. *Estudos Histórico*, Rio de Janeiro, v. 29, n° 59, p. 647 - 666, setembro - dezembro, p.654.

imprensa do período, dando visibilidade para sujeitos que tinham seu trabalho exposto e valorizado em uma importante folha da capital.

Ao tratar do trabalho de funcionários que compunham o “baixo comércio”⁶⁷, o Vagalume também acabava dando visibilidade às casas de comércio que eles trabalhavam. Por meio da análise de um fragmento da reportagem do dia 11 de abril, podemos observar como ainda no início da série, Francisco Guimarães já começava a se tornar conhecido nesses espaços. Ao visitar uma casa de molhados na Central, denominada *Ilha Molhada*, ele relata que ao chegar ao estabelecimento para tomar um café e um cálice de conhaque, descobriu que não precisaria pagar a despesa, pois o “sr. José do Cabo (proprietário da casa de comércio) não admitia que o nosso vagalume converse com caixeiro para pagar a despesa”.⁶⁸ Após isso, o cronista tem o seguinte diálogo com o proprietário.

- Muito obrigado, pela gentileza, lhe dissemos.
- Não há que agradecer. Onde eu estiver, não admito que uma pessoa do *Jornal do Brasil* pague um real. Digo-lhe com franqueza: é a folha que eu mais aprecio!
- Muito obrigado pelo juízo que faz da nossa folha.
- O senhor está fazendo também a reportagem da madrugada?
- Sim, senhor.
- Tenho apreciado muito! Aquilo é muito interessante. Vou colecionar.”⁶⁹

A partir desse trecho, pode-se perceber como desde o início da série a “Reportagem da Madrugada” já começava a se fazer conhecida por entre os locais que o Vagalume costumava frequentar. Podemos observar também como embora houvesse poucos dias de série, gradativamente a “Reportagem da Madrugada” ia se tornando do interesse não só dos trabalhadores, mas também dos proprietários desses locais. Pode-se ter uma noção disso, na fala do sr. José do Cabo, quando ao descobrir que conversava com o autor da “Reportagem da Madrugada” disse estar “apreciando muito” a série por ela ser “muito interessante”, a ponto de despertar nele, o interesse de começar uma coleção.

Os caixeiros não foram, no entanto, os únicos trabalhadores sobre os quais cronista da madrugada lançou sua atenção. Progressivamente Francisco Guimarães começava a olhar para outros espaços de trabalho, atentando igualmente neles para o papel dos trabalhadores. Ainda em abril, mais especificamente na crônica do dia 19,

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 de abril de 1901.

⁶⁹ Idem.

Francisco Guimarães fez sua primeira visita nas Capatazias da Alfândega, ao qual retornou no dia 25 do mesmo mês, dizendo ser um dos seus “pontos prediletos” da noite carioca⁷⁰. Ao se disfarçar de trabalhador nessa segunda visita, no entanto, Francisco Guimarães chamava atenção para a severidade de alguns funcionários com cargos mais importantes, nomeados como Ferro Velho, Senna e Bernadino, que na fala de um dos trabalhadores seriam os “três durões” daquela repartição⁷¹. Depois de outras visitas, na reportagem do dia 3 de junho, Francisco Guimarães denuncia uma injustiça, ao saber que houve um corte significativo trabalhadores da Alfândega por falta de verba, sendo dispensados “33 adidos e 35 trabalhadores de casaca, também adidos”. Ao chegar no pátio do Rosário, Francisco Guimarães escuta a conversa de dois trabalhadores da Alfândega. Após falarem do corte, um dos trabalhadores afirma que, se por um lado houve um “corte medonho”, por outro para os funcionários com os melhores cargos, como o apontador Senna, a consequência da falta de verba seria apenas uma mudança de função⁷². Ao chamar atenção para isso, o cronista mostrava a existência de privilégios dentro daquela repartição.

Crônicas como estas tiveram aparentemente uma ótima recepção por parte dos trabalhadores locais. Quando voltou à Alfândega antes de escrever a reportagem do dia seguinte, Francisco Guimarães descobriu que sua reportagem da noite anterior “foi um sucesso verdadeiro”, tendo uma procura grande dos trabalhadores daquele local pela edição vespertina do *Jornal do Brasil*. Ao encontrar um dos trabalhadores que exercia o cargo de fiel em um dos armazéns, o cronista foi recepcionado da seguinte maneira:

— É o sr. Vagalume?
 — Ora, para que negar? já me apontaram o senhor como sendo o autor da ‘Reportagem da Madrugada’.
 — Desejava alguma coisa?
 — Dar-lhe os meus parabéns. Não calcula o rebuliço que houve ontem com aquela sua reportagem. O próprio inspetor leu e achou muita graça. Não há dúvida; tudo aquilo é verdadeiro⁷³.

A partir desse trecho, podemos notar que, mesmo não assinando a própria série, Vagalume já era conhecido entre os grupos de trabalhadores como o autor da “Reportagem da Madrugada”, e passava a ser chamado pelo seu codinome. Não se

⁷⁰ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 de abril de 1901.

⁷¹ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 de abril de 1901.

⁷² Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 de junho de 1901.

⁷³ Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 de junho de 1901

tratava de um acaso: ao abordar na série o cotidiano desses trabalhadores e ainda chamar atenção para as irregularidades cometidas contra eles, Francisco Guimarães ia aos poucos ganhando o reconhecimento desses sujeitos, que por se verem representados pela coluna, passam ao acompanhar mais de perto seu trabalho. Como resultado, tal foi o sucesso da edição vespertina do *Jornal do Brasil* entre eles que, como ele mesmo assinalava, ouviu casos de exemplar do periódico sendo “vendido até a trezentos réis”⁷⁴, quando o valor habitual da edição da tarde era de cem réis⁷⁵.

Outros trabalhadores que ganham visibilidade no trabalho do Vagalume, são os vendedores da Praça do Mercado. O relato de uma visita feita pelo cronista à localidade no dia 1 de junho, quando passou pela banca de ostras do seu Antônio, dá uma boa dimensão do respeito e carinho que o cronista tinha conquistado entre esses trabalhadores, como mostra a recepção que mereceu dele.

“— Bom dia freguês.
 — Bom dia.
 — O senhor há dias que não aparece. Tem estado doente?
 — Não senhor. Tenho andado por outros lados.
 — Já sei que quer uma tampinha de ostras, não é exato?
 — Mas veja lá; quero bem magras!
 — Não há dúvida seu patrão!
 Até parece que estava adivinhando que o senhor hoje vinha por aqui.
 Preparei-lhe esta tampinha...
 Veja como está especial!
 Quer limão?
 — Naturalmente.
 — Vou buscá-lo.
 E o homem saiu correndo, talvez para nos fazer acreditar que era de uma atividade espantosa.
 Quando voltou, parecia cansadíssimo:
 — Estou de volta, patrão. Olhe que um limão destes não se dá a qualquer freguês!...
 — Obrigado pela consideração.
 — O senhor merece ainda mais... Em vista de tanto engrossamento ficamos cheios... quase arrebentamos”.⁷⁶

Esse trecho é interessante, uma vez que, além dele demonstrar o respeito e o carinho adquirido por Francisco Guimarães. Ele, por outro lado, também nos permite

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ É possível localizar o valor do *Jornal do Brasil* no canto esquerdo de cada primeira página da edição vespertina, em que aparece escrito “quatro páginas por 100 réis”.

⁷⁶ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 de junho de 1901.

pensar nas formas de negociação entre esses trabalhadores e a imprensa⁷⁷, tendo em vista que a essa altura da série o Vagalume já era conhecido por muitos desses sujeitos, como seu Antônio, dono da banca. Diante disso, não é equivocado pensar que ao atender o cronista de maneira extremamente atenciosa “saindo correndo em atividade espantosa”, escolhendo um limão “que não dá a qualquer freguês” e ainda finalizando a conversa dizendo que o cronista “merecia ainda mais” — o comerciante almejava agradá-lo no atendimento, pois assim teria a chance de ver seu negócio não só aparecendo em uma grande folha, mas também sendo valorizado pela escrita do cronista. Ademais, ao sublinhar na série toda essa hospitalidade com que era tratado por figuras como seu Antônio, Francisco Guimarães mostrava para seus leitores como vinha se tornando uma figura importante entre eles.

Outra categoria de trabalhador que também ganhava gradativamente espaço nas crônicas do Vagalume era a dos trabalhadores da Repartição Geral dos Correios, que a partir da crônica do dia 27 de abril passam a receber a visita constante do cronista. Por meio dessas visitas de Francisco Guimarães aos Correios, pode-se observar de modo mais detido as relações de negociações entre ele e os trabalhadores que formavam seu quadro de leitores. Nessa mesma crônica do dia 27, ao conversar com um dos funcionários o cronista ilustra alguns problemas enfrentados pelos trabalhadores daquela repartição no cotidiano do seu trabalho. Primeiro quando escuta de um funcionário que a iluminação dos correios não era de luz elétrica, pois as máquinas que deveriam estar funcionando na oficina de eletricidade estavam inutilizadas. Ademais, ele também recebe do seu interlocutor a informação de que durante um tempo, aquela repartição ficou sem elevador, sendo necessária a contratação de carregadores para subirem malas pesadas sobre 96 degraus⁷⁸.

Como resultado da exposição dessas adversidades enfrentadas pelos trabalhadores dos correios, ao voltar a repartição no dia 2 de maio e notar que ali havia alguns conhecidos, resolveu de imediato ir embora, pois caso contrário “o sr. Molina Velasco (Chefe da Repartição) podia ser sabedor de qualquer carteiro havia palestrado com o Vagalume do *Jornal do Brasil* e torná-lo passível de alguma punição pelas informações dadas”⁷⁹. Casos como estes mostravam que, ao jogar luzes sobre a

⁷⁷ Ver: PEREIRA, Leonardo. “Negociações impressas: a imprensa comercial e o lazer dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Primeira República”. *História (São Paulo)*, v. 35, n. 99, 2016.

⁷⁸ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 de abril de 1901.

⁷⁹ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 de maio de 1901.

experiência de trabalhadores, como caixeiros, pequenos comerciantes, trabalhadores da Alfândega e carteiros, pouco a pouco Francisco Guimarães ia ganhando a confiança dessas pessoas, que ao longo da série também começaram a usá-la como um mecanismo para expor suas reclamações e demandas.

3.2 - O porta voz do povo

Em um contexto no qual a ordem republicana recém instituída tentava negar aos trabalhadores qualquer possibilidade de participação política, estes começaram a buscar outras vias de afirmação de seus direitos. Nesse sentido, muitos homens e mulheres de baixa renda começaram a recorrer à imprensa para fazer suas queixas⁸⁰, tendo em vista que os jornais com o interesse de aumentar seus leitores passaram abrir suas folhas para reclamações sobre segurança pública, qualidade dos serviços públicos e para as condições precárias de vida dos mais pobres⁸¹. É como parte desta dinâmica que deve ser entendida a aproximação de Francisco Guimarães com os trabalhadores, que passaram a fazer de suas crônicas um novo meio de expor suas reclamações e demandas por questões que envolviam seu cotidiano.

Já na segunda crônica da “Reportagem da Madrugada”, um senhor chamado Honório Alcides de Queiroz, identificado pelo cronista como morador da rua Senador Pompeu, resolve fazer uma “queixa ao *Jornal do Brasil*”. Ele acaba sendo atendido pelo cronista e aproveita a oportunidade para expor as reclamações das pessoas da casa de cômodos cujo morava. Os moradores reclamavam da “algazarra infernal” que acontecia na rua depois das dez horas da noite se alongando pela madrugada, por conta da falta de patrulhamento da polícia, fazendo com que estes moradores não conseguissem dormir durante a noite. O próprio senhor Queiroz revela ao cronista que na noite anterior teve que dormir fora de casa para poder conseguir descansar⁸².

Já na crônica do dia 20 de junho, em que narra sua visita ao largo da Carioca, Francisco Guimarães é abordado por um leitor já idoso, que se auto declara proletário e revela ao cronista pagar “décimas ou penas d’água há três anos e não ter sequer uma gota d’água em casa”. Quando perguntado pelo cronista, como fazia para conseguir beber água, ele explica ser obrigado pegar água num poço que mandou construir, mas

⁸⁰ Ver: SILVA, Eduardo. *As queixas do povo*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

⁸¹ Ver: PEREIRA, Leonardo. op. cit.

⁸² “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 de abril de 1901.

que teria lhe custado “duzentos e tantos mil réis”. Diante disso, o homem conclui, que um pobre como ele não teria como fazer economias, pois precisava gastar um valor caro para ter acesso a água tratada. Ademais, o homem também aproveita a ocasião para se queixar de outros problemas da região onde morava, como os assaltados, que seriam feitos até mesmo a luz do dia e o descaso do policiamento, que segundo o morador, era conveniente com todos aqueles absurdos⁸³.

Ao relatar esses dois casos na série, Francisco Guimarães permitia que esses sujeitos que sofriam com a ausência do Estado no atendimento dos seus direitos básicos, tivessem pelo menos um canal para expor esse abandono do poder público com eles. No entanto, tais reclamações não se limitaram apenas às questões de rua e bairro. Alguns trabalhadores também passam a procurar o Vagalume para fazer queixas com relação a questões do cotidiano do próprio trabalho. É o caso da crônica do dia 8 de junho - na qual, ao visitar as Capatazias da Alfândega, Francisco Guimarães é abordado pelo guarda do portão do armazém de bagagens. Ao vê-lo por ali, ele pergunta ao cronista se ele não poderia “reclamar pela sua folha, para que o delegado da 1ª circunscrição urbana destaque duas praças a fim manter a ordem” no portão que trabalhava, pois os carregadores que por ali passavam faziam uma grande desordem. O guarda ainda aproveita a conversa para falar dos roubos praticados naquela região, citando o caso de um português de nome Antônio Dias que teria sido roubado no dia anterior⁸⁴. Ao relatar tais casos ao Vagalume, esse trabalhador da Alfândega utilizava a série para chamar atenção para a falta de segurança do seu local de trabalho, buscando com isso conseguir melhores condições de segurança em seu cotidiano.

Caso ainda mais claro, no mesmo sentido, acontece dias depois, como relatado na crônica do dia 15 de junho. Ao encontrar em sua ronda noturna um empregado da Municipalidade, Francisco Guimarães senta-se com ele em um botequim, dando início ao seguinte diálogo iniciado por seu interlocutor:

“— Pretendia ir ao *Jornal do Brasil* procurá-lo...
 — Para que?
 — Para dar uma rabeçada no sr. prefeito. Calcule que ele propôs ao Conselho aquele desconto dizendo que era para liquidar o débito da Municipalidade com os seus empregados entretanto até hoje estamos esperando pelo pagamento dos meses de abril e maio.”⁸⁵

⁸³ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 de junho de 1901.

⁸⁴ Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 de Junho de 1901.

⁸⁵ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 de junho de 1901.

No trecho, fica claro como os trabalhadores procuram o Vagalume para ele publicar na sua folha as suas reclamações. Foi o que fez o trabalhador municipal, que deliberadamente expunha sua intenção de procurar o cronista com o intuito de que ele chamasse atenção do prefeito para os salários atrasados dele e dos outros empregados da Municipalidade, que naquele momento acumulava dois meses de atraso. O fragmento também permite a observação da negociação entre Francisco Guimarães e os trabalhadores que formavam os leitores da “Reportagem da Madrugada”, visto que ao mostrar o descaso com os trabalhadores municipais, o cronista deixava visível para eles, que aquele era um espaço em que teriam voz.

Esses casos mostram, que embora fossem excluídos da ordem republicana e sem um canal político claro de expressão para suas demandas, esses sujeitos não ficaram inertes, usaram as crônicas do Vagalume como um espaço de expressão de suas demandas.

Como resultado das negociações estabelecidas com seus leitores, Francisco Guimarães foi ao longo da série, criando o hábito de aproveitar aquele espaço para fiscalizar possíveis anormalidades, vigiando sobretudo o serviço público, apontando para as irregularidades que afetavam os moradores e trabalhadores pobres que no seu cotidiano dependiam de serviços, como os de segurança, saneamento e transporte. Ainda que tenha se desenvolvido ao longo do tempo, no entanto, esta proposta já começava a se desenhar na crônica do dia 15 de abril, na qual o cronista narrava sua visita ao bairro da Piedade

“A Central é uma estação de primeira ordem, pode-se dizer sem receio de contestações. Mas a Piedade, para o viajante que ali vai pela primeira vez, não tem classificação...

Quem desembarca, encontra logo a plataforma em ruínas, montões de pedras e outras coisas.

Disseram-nos que se tratava do aumento da plataforma, obras essas que se estão fazendo, não sabemos a quanto tempo.

As nossas observações concluímos o seguinte:

Pelo grande movimento da estação é necessário o aumento da cobertura da plataforma oposta a agência, assim como deve-se estender a iluminação de um a outro lado das duas plataformas, isto é, de uma extremidade à outra.

E para prova de que a Piedade é uma estação que reclama tais melhoramentos, basta dizer que no ano passado deu uma renda de cento e trinta e tantos contos e que atualmente rende no mínimo 450\$ diários.

É, pois, de esperar que a digna diretoria da Estrada de Ferro Central do Brasil lance as suas vistas para a importante estação da Piedade”.⁸⁶

Ao chamar atenção para as irregularidades da plataforma da Piedade, destacando que ela se encontrava em “ruínas”. Além de também apontar para a demora das obras na estação e para os melhoramentos que deveriam ser feitos nela, como: o aumento da cobertura da plataforma e da iluminação. Ao anunciar todas essas irregularidades e ainda concluir a visita a estação, dizendo que esperava “que a digna diretoria da Estrada de Ferro Central do Brasil” (responsável pela manutenção das estações) lançasse “as suas vistas para a importante estação da Piedade”, Francisco Guimarães já expunha seu interesse em representar os moradores e trabalhadores da região, que no seu cotidiano utilizavam a plataforma para ir trabalhar ou simplesmente para se deslocarem para outros locais.

Se esta proposta já se apresentava desde o início da série, ela se fortificou à medida que o cronista passou a ouvir as queixas dos próprios trabalhadores que encontrava pela noite, ao invés de falar em nome deles. Assumindo uma forma dialógica, seus escritos passavam assim a expor as questões que diziam respeito a esses próprios sujeitos – como mostrava a crônica do dia 16 de maio de 1901. Ao pegar um bonde da linha da Alegria, na estação do bairro de Benfica, e descobrir que naquela companhia não havia mais meias passagens durante a madrugada, Francisco Guimarães reclama com o condutor. Este concorda com o cronista, mas diz não ser sua culpa e nem dos seus companheiros, pois “os homens mandam” e ele e seus colegas de trabalho, como funcionários, estariam ali apenas cumprindo ordens⁸⁷. Ao perceber a insatisfação do condutor com a Companhia em que trabalhava, Francisco Guimarães deixa ele mesmo assumir a palavra, transcrevendo em sua crônica o seguinte diálogo:

“Quem se desse ao trabalho de estudar e criticar o que se passa nesta companhia, teria muito que falar!

— Então não está satisfeito por aqui?

— Eu não senhor. Basta dizer que cada um dos empregados pagam 3\$000 por mês para a tal associação beneficente, a qual quando a gente precisa... não pode socorrer.

— Então para onde vai o dinheiro?

— Lá para casa que não vai...

⁸⁶ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1901.

⁸⁷ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 de maio de 1901.

— O senhor, brevemente, tem que me arrumar um lugarzinho na Vila Isabel, por que sei que o dr. Carlos Muller é seu amigo... Eu vou abandonar isto quando entrar em execução o novo contrato pelo qual a companhia foi autorizada a aumentar o preço das passagens. Ora o senhor faça um cálculo dos conflitos que vão haver entre passageiros e condutores!...

— Este aumento vai ser o diabo.

— Vai ser a morte da companhia porque quando esta aumenta a de Vila Isabel diminui, cercando-a em todos os pontos, com mais vantagens por que o número de carros é maior.

Um passageiro, que vinha na ponta direita do mesmo banco, interrompeu:

— Fique sabendo, que nós, os moradores da Alegria e Benfica, não estamos dispostos a marchar nesse aumento.

Vamos organizar uma empresa de diligências que nos leve de Benfica até a linha S. Luiz Durão por 100 réis e do Cajú ao mesmo ponto pelo mesmo preço. Daí em diante temos a condução da cidade até qualquer um destes pontos por 200 réis”.⁸⁸

O diálogo deixava claro a mudança de postura de Francisco Guimarães em relação às primeiras crônicas da série. Ao invés de fazer seu próprio julgamento da realidade, era ouvindo os próprios trabalhadores que encontrava pela noite que passava a escolher seus temas. Deixando de falar em nome da sociedade como um todo, Francisco Guimarães passava assim, na crônica, a se colocar como um porta-voz não apenas de grupos profissionais específicos, como os condutores, mas também dos interesses mais amplos dos trabalhadores da cidade – como mostra, no final do fragmento, ao passar a voz para um representante dos moradores da região da Alegria e Benfica, que deixa claro para o condutor (e para os leitores do *Jornal do Brasil*) que ele e os outros moradores não iriam “marchar naquele aumento”, pois se fosse preciso fariam sua própria empresa de diligências. Através de Vagalume, eles afirmavam com isso, pelas páginas do *Jornal do Brasil*, a lógica daquilo que E. P. Thompson denomina como a “economia moral da multidão”, a partir da qual defendiam a manutenção dos valores dos serviços dentro daquilo que esses trabalhadores consideravam o justo e dentro das suas condições financeiras⁸⁹.

Quatro dias depois esta lógica se reafirmaria em uma crônica na qual Francisco Guimarães contava de suas novas andanças pelo largo São Francisco. Ao passar pelo Café da Baiana, destaca que a Baiana, por não conseguir uma licença para funcionar, trabalhava receosa, com medo de ser visitada por “qualquer pessoa que lhe obrigue a

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ THOMPSON, E.P. “A economia moral da multidão inglesa no século XVIII”. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 150-202. [1971].

levantar acampamento”⁹⁰. Após relatar isso, o cronista passa a palavra a ela, que faz o seguinte relato:

“— Eu tenho que sustentá oito pessoas e se não deixarem vendê, como há de ser daquelas criancinha que eu tenho lá em casa? Olhe meu sinhô, eu não tenho filhos, todas as crianças que estão lá em casa, são filhos dos outros que levam lá (...)
Pobre velha para que persegui-la?
Deixem-na ganhar para sustentar aquelas infelizes criancinhas”⁹¹.

Ao reproduzir as palavras da sua interlocutora de forma pretensamente fidedigna, que tenta reproduzir até suas formas peculiares de falar, Francisco Guimarães reafirmava a postura construída ao longo da série, que abria sua coluna para a perspectiva de sujeitos como ela. Ademais, depois de publicar o apelo da baiana, Francisco Guimarães ainda reforça seu posicionamento em favor da comerciante, ao indagar na crônica o porquê de perseguir aquela “pobre velha” que só queria ganhar seu dinheiro de maneira honesta para sustentar “aquelas infelizes criancinhas”. Não se tratava, assim, somente de abrir espaço para esses trabalhadores noturnos em suas crônicas, mas também de se colocar ostensivamente em defesa de suas causas.

Ao fazer de sua série um meio de expressão e reivindicação dessas pessoas – jogando luzes para suas reclamações e também usando a sua profissão de repórter para se colocar como defensor das causas desses sujeitos supostamente sem voz – Francisco Guimarães ia construindo, por dentro de suas crônicas, o que mais tarde se tornaria uma das marcas do seu trabalho na imprensa, que era a defesa dos trabalhadores. Em uma imagem intitulada “Defesa dos Pequenos Capitais” que aparece no *O Malho* do dia 11 de abril de 1908, podemos ter uma dimensão do sucesso dessa operação, expresso na influência que o cronista alcançou entre os trabalhadores da cidade.

⁹⁰ “Reportagem da Madrugada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 de maio de 1901.

⁹¹ *Idem*.



“Defesa dos pequenos capitais”. *O Malho*, Rio de Janeiro, 11 de abril de 1908.

Segundo a legenda, a foto trazia a imagem da “comissão operária” que “foi a Petrópolis entregar ao presidente da República” a moção tirada de uma assembleia de trabalhadores a respeito da falência de um banco, que colocava em risco suas poucas economias. Nela apareciam, por isso, algumas das principais lideranças do operariado no período, como Moyses Zacharias, trabalhador negro que era fiscal geral da União dos Estivadores; Antonio Figueiredo, presidente da mesma União; Raphael Munhoz e Evaristo de Moraes, respectivamente o fiscal geral e o advogado da Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café. Tratava-se assim das principais lideranças de sociedades que representavam a categoria dos estivadores, formada principalmente por trabalhadores que, assim como Francisco Guimarães, eram também afrodescendentes⁹². O fato de que junto dessas lideranças aparecesse o próprio Vagalume, já reconhecido como elemento importante desta representação operária, mostrava a força do tipo de olhar que ele havia construído com sua “Reportagem da madrugada”, Através dela, Francisco Guimarães, convertido em Vagalume, se afirmava um porta-voz privilegiado dos trabalhadores da cidade, em especial dos

⁹² CRUZ, Maria Cecília Velasco. “Tradições negras na formação de um sindicato: Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café, Rio de Janeiro, 1905 - 1930”. *Afro-Ásia*, 24, pp. 243 - 290, 2000.

negros e pardos – o que garantiria seu sucesso na imprensa ao longo dos anos seguintes.

Conclusão

Ao expor as ações arbitrárias da polícia durante a madrugada e mostrar o descaso de alguns policiais com o próprio trabalho, além apresentar o cotidiano dos trabalhadores noturnos e se colocar como defensor das suas causas, Francisco Guimarães mostrava para os leitores da sua coluna um outro Rio de Janeiro, bem diferente do padrão da *belle époque* projetado para ele. Desse modo, suas crônicas marcam a diversidade da cidade, assim como suas contradições. Ao abordar todas essas questões se colocando do lado daqueles que até então não tinham voz, o Vagalume construía um canal em que esses sujeitos até então invisíveis, passavam a serem vistos.

Ademais, ao reportar nas suas crônicas práticas do universo afrodescendente a partir de uma perspectiva que valorizava seus elementos, Francisco Guimarães colaborou diretamente para divulgá-las no espaço que tinha dentro da imprensa. Essa valorização das culturas negras na “Reportagem da Madrugada” marcava, por um lado, a singularidade do seu trabalho, por outro, também abriu o caminho para a estreita relação que Francisco Guimarães construiria posteriormente com os clubes carnavalescos, se tornando, inclusive, um dos principais repórteres carnavalescos da capital federal⁹³, como também contribuiu para que ele se aproximasse dos primeiros sambistas e se tornasse depois uma das principais referências do tema.

No dia 27 de julho de 1901, com quase quatro meses de série, Francisco Guimarães publicava no *Jornal do Brasil* a última crônica da “Reportagem da Madrugada”. Apesar da curta duração, o cronista conseguiu fazer com que sua série atingisse certo sucesso. Mas se engana, aquele que pensa que as explorações pela madrugada de Francisco Guimarães terminavam por aí. Em 1904, ao ingressar no periódico *A Tribuna*, o cronista voltaria a ter uma série própria, intitulada: “Ecos Noturnos” e dessa vez já assinando seu pseudônimo ao final de cada crônica. Essa série pode ser vista como uma continuação da anterior. Primeiro, pelo seu subtítulo que também era “Reportagem da Madrugada”⁹⁴. Outra evidência de continuidade entre os dois trabalhos pode ser vista logo nas primeiras linhas do “Ecos Noturnos”, quando o cronista diz que:

⁹³ Ibidem, p.91

⁹⁴ Ibidem, p.94

“Certamente, os numerosos leitores d’A Tribuna dirão que não descobrimos a pólvora ou que nossa nova reportagem é coisa velha.

Não, diremos nós, porque, como sabem, ou como diz a história, o velho Solano Lopez, quando à frente do Exército paraguaio dizia aos seus comandados que quem morresse em Humaitá ressuscitaria em Assunção!

Eis o que aconteceu ao fosfórico inseto, ao luminoso inseto que subscreve estas linhas.

Morremos na rua Gonçalves Dias para ressuscitar na bela e encantadora rua do Ouvidor!

Ora, portanto, a quem nos disser que a invenção não é nossa, diremos apenas que a obra é do mesmo autor...

Há quem diga que entre a República e Monarquia há apenas uma questão de rótulo, mas que o formulário na gestão dos negócios políticos do país é e será sempre o mesmo.

Por esse mesmo sistema, diremos nós, a questão é de jornais...”⁹⁵

Ao dizer que morreu na rua Gonçalves Dias (onde ficava a sede do *Jornal do Brasil*) para ressuscitar na rua do Ouvidor (onde ficava a sede d’A Tribuna), Francisco Guimarães deixava claro para os contemporâneos, que aquela nova série era uma continuação da sua primeira. Se ainda restava alguma dúvida, ele esclarece ao complementar dizendo que “a quem nos disser que a invenção não é nossa, diremos apenas que a obra é do mesmo autor”. Por fim, ao fazer uma analogia entre o sistema republicano e o monárquico que teriam rótulos distintos, mas a mesma “gestão nos negócios políticos” e depois dizer que: “por esse mesmo sistema, diremos nós, a questão é de jornais...”, Francisco Guimarães mostrava para seus leitores que embora tenha mudado de jornal sua proposta, no entanto, era a mesma.

Diante disso, pode-se observar a importância que a “Reportagem da Madrugada” desempenharia para a ascensão de Francisco Guimarães, pois foi através dela que o cronista criou e popularizou o pseudônimo que o acompanharia durante a sua carreira, além de também começar a trilhar seu caminho na imprensa por ela, que como um bom vagalume, não demorou a mostrar seu brilho.

⁹⁵ Vagalume. “Ecos Noturnos”. *A Tribuna*, Rio de Janeiro, 10 de março de 1901.

Fontes**Imprensa**

A Imprensa, 1901.

A Tribuna, 1904.

Correio da Manhã, 1901.

Gazetas de Notícias, 1904.

Jornal do Brasil, 1899.

Jornal do Brasil, 1901.

O Malho, 1908.

O Malho, 1917.

Outros

BRASIL. “Lei do Ventre Livre”. 28 de setembro de 1871, Art. 2. Disponível em : <http://www.historia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/fontes%20historicas/leidoventre.pdf>
. Acessado em: 30 de junho de 2020.

Referências bibliográficas

- ABREU, Martha. “O ‘crioulo Dudu’: participação política e identidade negra nas histórias de um músico cantor (1890 – 1920)”. *Topoi*, v. 11, n. 20, p. 92 – 113, jan. / jun. 2010.
- ARANTES, Erika Bastos. “Negros do Porto: trabalho, cultura e repressão policial no Rio de Janeiro, 1900-1910”. in: AZEVEDO, Elciene; CANO, Jefferson; CUNHA, Maria Clementina Pereira; CHALHOUB, Sidney (org.). *Trabalhadores na cidade: cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX*. Campinas (SP): Editora Unicamp, 2009.
- BRETAS, Marcos. *A Guerra das Ruas: Povo e Polícia na Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- _____. *Ordem na Cidade: o exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro, 1907 - 1930*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- CARVALHO, José Murilo de. “Os três povos da República”. *Revista USP*, São Paulo, n. 59, p. 96-115, setembro/ novembro, 2003.
- COUTINHO, Eduardo Granja. *Os cronistas de momo: Imprensa e Carnaval na Primeira República*. Editora UFRJ: Rio de Janeiro, 2006.
- CHALHOUB, S. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CRUZ, Maria Cecília Velasco. “Tradições negras na formação de um sindicato: Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café, Rio de Janeiro, 1905 - 1930”. *Afro-Ásia*, 24, pp. 243 - 290, 2000.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. “‘Acontece que sou baiano’: identidades em Santana - Rio de Janeiro, no início do século XX”. in: AZEVEDO, Elciene; CANO, Jefferson; CUNHA, Maria Clementina Pereira; CHALHOUB, Sidney (orgs.). *Trabalhadores da Cidade: cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX*. Campinas, S.P: Editora da Unicamp, 2009.
- GALEANO, Diego. “Memórias de un ratón de hotel: delito, prensa y literatura en Brasil, 1890 - 1912”. *Claves, Revista de História*, Vol. 2, nº 3, Montevideo, Julio - Diciembre, 2016, pp. 99 - 132.
- LOPES, Katia Geni Cordeiro. *A presença de negros em espaços de instrução elementar da cidade-corte: O caso da Escola da Imperial Quinta da Boa Vista*. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012. (Cap. 2)
- MESSER, Orna. “A cidade e a modernidade: João do Rio”. *Remate de Males*, Campinas, (10,) pp. 21-25, 1990.

NAPOLITANO, Marcos; WASSERMAN, Maria Clara. “Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 20, nº 39, p. 167 - 189, 2000.

NEVES, Margarida de Souza. “Uma Capital de Trompe l’Oeil”. In: MAGALDI, Ana Maria; ALVES, Cláudia; GONDRA, José Gonçalves. *Educação no Brasil: história, cultura e política* (Org.). Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

O’ DONNELL, Julia. “A etnografia urbana de João do Rio”. In: *De olha na rua: A cidade de João do Rio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

OTTONI, Ana Vasconcelos. “*O Paraíso dos ladrões*”: crime e criminosos nas reportagens policiais da imprensa. (Rio de Janeiro, 1900 - 1920). Tese (Doutorado em História Social) - PPGHIS/UFF, Rio de Janeiro, 2012.

PEREIRA, L. A. M. “A invenção do Vagalume”. VAGALUME. *Ecos Noturnos*. in: PEREIRA, Leonardo Affonso de M.; COSTA, Mariana (org.). Rio de Janeiro: Contracapa; FAPERJ, 2018.

_____. “E o Rio dançou. Identidades e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912-1922)”. In: Maria Clementina Pereira Cunha. (Org.). *Carnavais e outras frestas*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

_____. “Negociações impressas: a imprensa comercial e o lazer dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Primeira República”. *História (São Paulo)*, v. 35, n. 99, 2016.

_____. “No ritmo do Vagalume: culturas negras, associativismo dançante e nacionalidade na produção de Francisco Guimarães (1904 - 1933)”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 35, nº 69, p. 13-33, 2015.

_____. “Sobre confetes, chuteiras e cadáveres: a massificação cultural no Rio de Janeiro de Lima Barreto”. *Proj. História*, São Paulo, (14), fev. 1997.

POPINIGIS, Fabiane. “‘Todas as liberdades são irmãs’: os caixeiros e as lutas dos trabalhadores por direitos entre o Império e a República”. *Estudos Histórico*, Rio de Janeiro, v. 29, nº 59, p. 647 - 666, setembro - dezembro.

SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 - 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Eduardo. *As queixas do povo*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

THOMPSON, E.P. “A economia moral da multidão inglesa no século XVIII”. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 150-202. [1971]

VIANNA, Hermano. “O Mistério do Samba”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed./ Ed. UFRJ, 1995.